• ORGANIZADO POR **TIM CHESTER** •



# A BÍBLIA

UM LIVRO
**COMO NENHUM OUTRO**

# JOHN STOTT



# A BÍBLIA

# JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR **TIM CHESTER** •



# A BÍBLIA

UM LIVRO **COMO NENHUM OUTRO**

TRADUZIDO POR **VALÉRIA LAMIM DELGADO FERNANDES**

ultimato
VIÇOSA|MG

# Sumário

**Capa**
**Folha de rosto**
**Prefácio**
**Uma nota ao leitor**
**Introdução da série “O Cristão Contemporâneo”**
**Introdução**
**1. Firmes na palavra**
**2. Respondendo à palavra**
**3. Transpondo a palavra**
**4. Expondo a palavra**
**Conclusão: o agora e o ainda não**
**Notas**
**Crédito**

# PREFÁCIO

SER "CONTEMPORÂNEO" é viver no presente e mover-se com os tempos sem se preocupar demais com o passado ou o futuro.

Ser um "cristão contemporâneo", porém, é viver num presente que é enriquecido pelo nosso conhecimento do passado e pela nossa expectativa do futuro. Nossa fé cristã exige isso. Por quê? Porque o Deus em quem confiamos e que adoramos é "o Alfa e o Ômega... o que é, o que era e que há de vir, o Todo-poderoso",[1] enquanto o Jesus Cristo que seguimos é "o mesmo, ontem, hoje e para sempre".[2]

Assim, este livro e esta série falam de como os cristãos lidam com o tempo – como podemos unir o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver. Temos diante de nós dois desafios principais. O primeiro é a tensão entre o "antes" (passado) e o "agora" (presente), e o segundo é a tensão entre o "agora" (presente) e o "ainda não" (futuro).

A introdução aborda o primeiro problema. É possível honrarmos verdadeiramente o passado e, ao mesmo tempo, vivermos no presente? Podemos preservar intacta a identidade histórica do cristianismo sem nos isolar daqueles que estão ao nosso redor? Podemos comunicar o evangelho de maneiras vibrantes e modernas, mas sem distorcê-lo ou até mesmo destruí-lo? Podemos ser autênticos e puros ao mesmo tempo, ou temos de escolher?

A conclusão aborda o segundo problema: a tensão entre o "agora" e o "ainda não". Até onde podemos explorar e experimentar tudo o que Deus tem dito e feito por meio de Cristo sem nos desviar para o que ainda não foi revelado ou dado? Como podemos desenvolver um senso adequado de humildade sobre um futuro que ainda vai se revelar sem nos tornarmos acomodados sobre onde estamos no presente?

Em meio a essas questões sobre as influências do passado e do futuro surge uma investigação sobre as nossas responsabilidades cristãs no presente.

Esta série trata de questões de doutrina e discipulado sob os cinco títulos: "O Evangelho", "O Discípulo", "A Bíblia" (o livro que você tem em mãos), "A Igreja" e "O Mundo", embora eu não faça tentativa alguma de ser sistemático nem, muito menos, exaustivo.

Além da questão do tempo e das relações entre passado, presente e futuro, há um segundo tema que percorre esta série: a necessidade de falarmos menos e escutarmos mais.

Creio que somos chamados à difícil e até dolorosa tarefa da "dupla escuta". Devemos escutar com atenção (embora, naturalmente, com diferentes graus de respeito) tanto a Palavra antiga como o mundo moderno, a fim de relacionar um ao outro com uma combinação de fidelidade e sensibilidade.

Cada livro desta série é uma tentativa de dupla escuta. É minha firme convicção que, se conseguirmos desenvolver a nossa capacidade de dupla escuta, evitaremos as armadilhas antagônicas da infidelidade e da irrelevância, e seremos verdadeiramente capazes de falar a Palavra de Deus ao mundo de Deus hoje de maneira eficaz.

Adaptado do Prefácio original escrito por John Stott em 1991.

# UMA NOTA AO LEITOR

O LIVRO ORIGINAL intitulado *O Cristão Contemporâneo,* no qual este volume e esta série estão baseados, pode não parecer "contemporâneo" para os leitores de hoje, mais de um quarto de século depois. Mas tanto a editora quanto os Executores Literários de John Stott estão convencidos de que as questões abordadas por John Stott neste livro são tão relevantes hoje como eram quando foram abordadas pela primeira vez.

A questão era como tornar esta obra seminal acessível para as novas gerações de leitores. Assim, procuramos fazer isso da seguinte maneira:

- A obra original foi dividida em uma série de volumes menores, levando em conta as cinco principais seções do original.
- Palavras que podem não comunicar ao leitor do século 21 foram atualizadas, ao mesmo tempo em que foi tomado grande cuidado para manter o processo de pensamento e o estilo do autor no original.
- Cada capítulo agora é seguido por perguntas feitas por um autor cristão atual e best-seller, a fim de ajudar a reflexão e a resposta.

Os amantes da obra original expressaram alegria pelo fato de este livro estar sendo disponibilizado de uma forma que amplia o seu alcance e influência em um novo século. Oramos para que você tenha a sua vida enriquecida por esta leitura, pois a vida de muitas pessoas já foi grandemente enriquecida pela edição original.

# O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO O ANTES E O AGORA

A EXPRESSÃO "o cristão contemporâneo" atinge muitos como uma contradição em termos. Para muitos, o cristianismo não passa de uma relíquia antiga do passado remoto, irrelevante para as pessoas do mundo de hoje.

O meu propósito nesta série é mostrar que existe algo como "cristianismo contemporâneo" – não algo ultramoderno, mas um cristianismo original, histórico, ortodoxo e bíblico, sensivelmente relacionado com o mundo moderno.

## CRISTIANISMO: TANTO HISTÓRICO COMO CONTEMPORÂNEO

Começamos reafirmando que o cristianismo é uma religião histórica. É claro que cada religião surgiu em um contexto histórico particular. O cristianismo, no entanto, faz uma reivindicação especialmente forte de ser histórico, porque repousa não só sobre uma *pessoa* histórica, Jesus de Nazaré, mas em certos *acontecimentos* históricos que o envolveram, especialmente o seu nascimento, morte e ressurreição. Há uma linha comum aqui com o judaísmo, a partir do qual o cristianismo surgiu. O Antigo Testamento apresenta Deus não só como "o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó", mas também como o Deus da aliança que ele fez com Abraão e, depois, renovou com Isaque e Jacó. Mais uma vez, ele não é

apenas “o Deus de Moisés”, mas também é visto como o Redentor responsável pelo êxodo, que renovou a aliança mais uma vez no monte Sinai.

Os cristãos estão para sempre amarrados pelo coração e pela mente a estes acontecimentos históricos decisivos do passado. A Bíblia constantemente nos encoraja a olhar para eles com gratidão. De fato, Deus deliberadamente providenciou tudo para que o seu povo recordasse as suas ações salvadoras com regularidade. De modo emblemático, a Ceia do Senhor ou Eucaristia nos permite ter em mente a morte expiatória de Cristo, de modo regular, trazendo o passado para o presente.

Mas o problema é que os acontecimentos fundamentais do cristianismo ocorreram há muito tempo. Há alguns anos tive uma conversa com dois irmãos – estudantes que me disseram ter se afastado da fé professada pelos seus pais. Um deles agora era agnóstico, e o outro era ateu. Eu perguntei por quê. Será que eles não acreditavam mais na verdade do cristianismo? Não, o dilema deles não era se o cristianismo era *verdadeiro*, mas se era *relevante*. E como poderia ser? O cristianismo – eles continuaram – era uma religião primitiva da Palestina de muito tempo atrás. Então, o que tinha para oferecer a eles, que viviam no agitado mundo moderno?

Esta visão do cristianismo é generalizada. O mundo mudou dramaticamente desde os dias de Jesus e continua a mudar com uma velocidade cada vez mais desconcertante. As pessoas rejeitam o evangelho não necessariamente porque pensam que ele seja falso, mas porque já não diz nada para elas.

Em resposta a isso, precisamos ser claros sobre a convicção cristã básica de que Deus continua a falar por meio do que ele falou. A sua Palavra não é um fóssil pré-histórico, mas uma mensagem viva para o mundo contemporâneo. Mesmo admitindo as particularidades históricas da Bíblia e as imensas complexidades do mundo moderno, ainda existe uma correspondência fundamental entre elas. A Palavra de Deus permanece uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho.[1]

No entanto, nosso dilema permanece. Será que o cristianismo consegue, ao

mesmo tempo, manter a sua identidade autêntica *e* demonstrar a sua relevância?

O desejo de apresentar Jesus de uma maneira que apele para a nossa própria geração é obviamente certo. Esta foi a preocupação do pastor alemão Dietrich Bonhoeffer enquanto estava na prisão durante a Segunda Guerra Mundial: "O que mais me preocupa", escreveu ele, "é a questão: [...] 'quem Cristo realmente é, hoje, para cada um de nós?'".[2] É uma questão difícil. Ao responder a ela, a Igreja em todas as gerações tinha tendência a desenvolver imagens de Cristo que se desviam do retrato pintado pelos autores do Novo Testamento.

## TENTATIVA DE MODERNIZAR JESUS

Aqui estão algumas das muitas tentativas da Igreja de apresentar um retrato contemporâneo de Cristo, algumas das quais têm sido mais bem-sucedidas do que outras quanto a permanecer fiel ao original.

Penso em primeiro lugar em *Jesus, o asceta*, que inspirou gerações de monges e eremitas. Ele era muito parecido com João Batista, pois também vestia roupas feitas de pelo de camelo, usava sandálias ou até andava descalço e comia gafanhotos com prazer evidente. Mas seria difícil conciliar este retrato com a crítica dos seus contemporâneos de que ele era um festeiro que vivia "comendo e bebendo".[3]

Também havia *Jesus, o pálido galileu*. O imperador apóstata Juliano tentou restabelecer os deuses pagãos de Roma depois que Constantino os substituiu pela adoração a Cristo, e relata-se que ele teria dito o seguinte em seu leito de morte, em 363 depois de Cristo: "Venceste, ó galileu". Suas palavras foram popularizadas por um poeta do século 19, Swinburne:

> Venceste, ó pálido galileu;
> O mundo tornou-se cinzento do ar que respiras.

Esta imagem de Jesus foi perpetuada na arte medieval e vitrais, com um halo celeste e uma pele sem cor, olhos levantados para o céu e pés que não tocavam o chão.

Em contraste com as apresentações de Jesus como fraco, sofredor e derrotado, havia *Jesus, o Cristo cósmico*, muito amado pelos líderes da igreja bizantina. Eles o descreveram como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Criador e governante do universo. No entanto, exaltado acima de todas as coisas, glorificado e reinando, ele parecia distante do mundo real e até mesmo da sua própria humanidade, como foi revelado na encarnação e na cruz.

No extremo oposto do espectro teológico, os deístas do Iluminismo dos séculos 17 e 18, à própria imagem deles, construíram *Jesus, o mestre do senso comum*,[4] inteiramente humano e nada divino. O exemplo mais dramático é a obra de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos de 1801 a 1809. Rejeitando o sobrenatural como algo incompatível com a razão, ele produziu a sua própria edição dos Evangelhos, em que todos os milagres e mistérios foram sistematicamente eliminados. O que resta ali é um guia para um professor de moral meramente humana.

No século 20, fomos apresentados a uma ampla gama de opções. Duas das mais conhecidas devem sua popularidade a musicais. Há *Jesus, o palhaço de Godspell*, que passa o tempo cantando e dançando, e assim capta algo da alegria de Jesus, mas dificilmente leva a sério a sua missão. Um pouco semelhante é *Jesus Cristo Superstar*, a celebridade desiludida, que uma vez pensou que sabia quem era, mas no Getsêmani já não tinha tanta certeza.

O falecido presidente de Cuba Fidel Castro referiu-se frequentemente a Jesus como "um grande revolucionário", e houve muitas tentativas de retratá-lo como *Jesus, o lutador da liberdade*, o guerrilheiro urbano, o Che Guevara do primeiro século, com barba negra e olhos brilhantes, cujo gesto mais característico foi derrubar as mesas dos cambistas e expulsá-los do templo com um chicote.

Esses diferentes retratos ilustram a tendência recorrente de atualizar Cristo de acordo com as modas atuais. Isso começou na era apostólica, com a necessidade

de Paulo advertir sobre os falsos mestres que pregavam "um Jesus que não é aquele que [nós, os apóstolos] pregamos".[5] Cada geração que chega tende a ler para si as suas próprias ideias e esperanças, criando um Jesus à sua própria imagem.

A motivação deles até é certa (pintar um retrato contemporâneo de Jesus), mas o resultado é sempre distorcido (como o retrato não é autêntico). O desafio diante de nós é apresentar Jesus à nossa geração de maneiras ao mesmo tempo precisas e atraentes.

## CHAMADO À DUPLA ESCUTA

A principal razão de cada traição ao Jesus autêntico é que prestamos muita atenção às tendências contemporâneas e muito pouca atenção à Palavra de Deus. A sede de relevância torna-se tão exigente que sentimos a necessidade de ceder a ela, custe o que custar. Tornamo-nos escravos da última moda, preparados para sacrificar a verdade no altar da modernidade. A busca da relevância degenera para um desejo de popularidade. No extremo oposto da irrelevância está a acomodação, uma rendição covarde e sem princípios ao *espírito do tempo*.

O povo de Deus vive em um mundo que pode ser ativamente hostil. Estamos constantemente expostos à pressão para nos conformarmos a este mundo.

Graças a Deus, no entanto, que sempre houve aqueles que ficaram firmes, às vezes sozinhos, e se recusaram a ceder. Penso em Jeremias, no sexto século antes de Cristo, Paulo, em sua época ("todos... me abandonaram"),[6] Atanásio, no século quarto, e Lutero, no século 16.

Em nossos dias, também precisamos decidir apresentar o evangelho bíblico de tal forma a lidar com os dilemas modernos, medos e frustrações, mas com a igual determinação de não comprometê-lo ao fazermos isso. Algumas *pedras de tropeço* são intrínsecas ao evangelho original e não podem ser eliminadas ou

empurradas suavemente para torná-lo mais fácil de aceitar. O evangelho contém algumas características tão estranhas ao pensamento moderno que sempre poderá parecer tolo, por mais que nos esforcemos para mostrar que ele é "verdadeiro e de bom senso".[7] A cruz será sempre um ataque à autojustiça humana e um desafio à autoindulgência humana. O seu "escândalo" (pedra de tropeço) simplesmente não pode ser removido. A Igreja fala mais autenticamente não quando se torna indistinta do mundo ao nosso redor, mas justamente quando a sua luz distintiva brilha mais.

Por mais que estejamos desejosos de comunicar a Palavra de Deus aos outros, devemos ser fiéis a essa Palavra e, se necessário, estar preparados para sofrer por ela. A palavra de Deus a Ezequiel nos encoraja: "Não tenha medo dessa gente [...] Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes".[8] Somos chamados para ser fiéis e relevantes, não meramente modernos.

Como, então, podemos desenvolver uma mente cristã que seja moldada pelas verdades do cristianismo histórico e bíblico e, ao mesmo tempo, totalmente imersa nas realidades do mundo contemporâneo? Temos de começar com uma dupla recusa. Nós nos recusamos a ficar tão absorvidos na Palavra, que *fugimos* para ela, que falhamos em deixar que ela confronte o mundo; e nos recusamos a ficar tão absorvidos no mundo, que nos *conformamos* a ele e deixamos de submetê-lo ao julgamento da Palavra.

Em lugar desta dupla recusa, somos chamados à dupla escuta. Precisamos escutar a Palavra de Deus com expectativa e humildade, prontos para Deus talvez nos confrontar com uma palavra que pode ser perturbadora e inesperada. E devemos também escutar o mundo ao nosso redor. As vozes que ouvimos podem assumir a forma de protesto agudo e estridente. Haverá também os gritos angustiados daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a raiva, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão em desacordo com Deus. Escutamos a Palavra com humilde reverência, ansiosos para compreendê-la, e resolvemos crer e obedecer ao que passamos a entender. Escutamos o mundo com atenção

crítica, ansiosos para compreendê-lo, e resolvemos não necessariamente acreditar e obedecer-lhe, mas simpatizar com ele e procurar graça para descobrir como o evangelho se relaciona com ele.

Todos acham difícil escutar. Mas será que os cristãos, às vezes, têm mais dificuldade para escutar do que os outros? Podemos aprender com os chamados "consoladores" do livro de Jó, no Antigo Testamento. Eles começaram bem. Quando ouviram falar dos problemas de Jó, foram visitá-lo e, vendo quão grandes eram os seus sofrimentos, nada lhe disseram durante uma semana inteira. Se ao menos tivessem continuado como começaram e mantido a boca fechada! Em vez disso, eles propuseram a sua visão convencional – a visão de que o pecador sofre por causa dos seus próprios pecados – da maneira mais insensível. Eles realmente não escutaram o que Jó tinha a dizer. Eles se limitaram a repetir o seu próprio discurso impensado e sem coração, até que, no final, Deus entrou em cena e os repreendeu por terem deturpado a situação.

Precisamos cultivar essa "dupla escuta", a capacidade de escutar duas vozes ao mesmo tempo – a voz de Deus por meio da Bíblia e as vozes de homens e mulheres ao nosso redor. Essas vozes muitas vezes se contradizem, mas o nosso propósito ao escutá-las é descobrir como elas se relacionam umas com as outras. A dupla escuta é algo indispensável para o discipulado cristão e para a missão cristã.

Somente por meio desta disciplina de dupla escuta é possível tornar-se um "cristão contemporâneo". Nós juntamos o "histórico" e o "contemporâneo" enquanto aprendemos a aplicar a Palavra ao mundo, proclamando a boa-nova que é tanto verdadeira como nova.

Para resumir, vivemos no "agora" à luz do que já aconteceu "antes".

INTRODUÇÃO

# A BÍBLIA

"NÓS LHE APRESENTAMOS ESTE LIVRO, a coisa mais valiosa que este mundo pode oferecer. Aqui está a sabedoria; esta é a lei do reino; estes são os oráculos vivos de Deus." Com essas palavras, durante a cerimônia de coroação, o moderador da Assembleia Geral da Igreja da Escócia entregou à rainha Elizabeth um exemplar da Bíblia quando ela foi coroada, em 1953.

Talvez seja tentador ignorar essas afirmações sobre a Bíblia como se fossem retórica inútil, não fossem as sucessivas gerações de cristãos as terem tomado como verdadeiras. A Escritura sempre nos trouxe luz nas trevas, força na fraqueza, conforto na tristeza. E, por isso, endossamos prontamente a declaração do salmista de que as palavras de Deus "são mais desejáveis do que o ouro, do que muito ouro puro; são mais doces do que o mel, do que as gotas do favo".[1]

Portanto, tem sido desolador para o Ocidente ver a Bíblia sendo destituída de sua posição de autoridade reconhecida, não apenas na nação, mas também na Igreja. Há pouca esperança de uma reforma nacional completa ou renovação da Igreja, a menos que a Palavra de Deus seja, mais uma vez, amplamente respeitada e seu ensino seja obedecido.

Este livro é minha pequena contribuição para esse objetivo, uma vez que escrevo sobre a necessidade urgente de permanecer na Palavra de Deus, responder a ela, interpretá-la e expô-la.

CAPÍTULO 1

# FIRMES NA PALAVRA

UM TEMA RECORRENTE dos autores do Novo Testamento é que o povo de Deus deve permanecer firme. Por um lado, devemos resistir às pressões intelectuais e morais de nosso mundo contemporâneo e nos recusar a nos conformar com as tendências e modas de nossa época. Não devemos nos permitir deslizar, escorregar e cair na lama da relatividade. Não podemos deixar que nos arranquem de nosso ancoradouro nem que sejamos arrastados pela enchente. Por outro lado, somos categoricamente chamados a perseverar na verdade que recebemos, a nos apegar a ela como um abrigo seguro na tempestade e a permanecer firmes neste alicerce.

Aqui estão alguns exemplos desse tipo de exortação, dados por três dos maiores colaboradores do Novo Testamento.

*Paulo*: "Portanto, irmãos, permaneçam firmes e apeguem-se às tradições que lhes foram ensinadas".[1]

*Hebreus*: "É preciso que prestemos maior atenção ao que temos ouvido, para que jamais nos desviemos".[2]

*João*: "Cuidem para que aquilo que ouviram desde o princípio permaneça em vocês".[3] "Todo aquele que não permanece no ensino de Cristo, mas vai além dele, não tem Deus; quem permanece no ensino tem o Pai e também o Filho."[4]

Comum a essas citações é o reconhecimento de que certas verdades foram "ensinadas" ou "transmitidas" pelos apóstolos e, consequentemente, foram "ouvidas" ou "recebidas" pela Igreja. Esse conjunto de doutrinas era agora um depósito sagrado a ser guardado.[5] Ele possuía uma qualidade normativa. A Igreja

deveria permanecer nesse conjunto de doutrinas e se apegar a ele, não se afastando dele, nem indo além dele, de forma a contradizê-lo.

Parte da recomendação final de Paulo a Timóteo elabora esse tema. Para entender as suas implicações, precisamos observar o texto de 2 Timóteo 3.1–4.8:

> Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis.
> Os homens serão egoístas, avarentos, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder. Afaste-se também destes. São estes os que se introduzem pelas casas e conquistam mulherzinhas sobrecarregadas de pecados, as quais se deixam levar por toda espécie de desejos.
> Elas estão sempre aprendendo, mas não conseguem nunca de chegar ao conhecimento da verdade.
> Como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, esses também resistem à verdade. A mente deles é depravada; são reprovados na fé. Não irão longe, porém; como no caso daqueles, a sua insensatez se tornará evidente a todos.
> Mas você tem seguido de perto o meu ensino, a minha conduta, o meu propósito, a minha fé, a minha paciência, o meu amor, a minha perseverança, as perseguições e os sofrimentos que enfrentei, coisas que me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra. Quanta perseguição suportei! Mas, de todas essas coisas o Senhor me livrou!
> De fato, todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos.
> Contudo, os perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados.
> Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você

conhece as sagradas letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus.
Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.
Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente:
Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina.
Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, sentindo coceira nos ouvidos, segundo os seus próprios desejos juntarão mestres para si mesmos.
Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos.
Você, porém, seja sóbrio em tudo, suporte os sofrimentos, faça a obra de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério. Eu já estou sendo derramado como uma oferta de bebida. Está próximo o tempo da minha partida.
Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda.

## PERMANECENDO NA PALAVRA

A exortação de Paulo a Timóteo foi dada tendo como contexto o tipo de sociedade em que ele vivia (3.1-13). Era um contexto hostil ao evangelho. E o evangelho não poderia ser remodelado com o intuito de se acomodar às ideias e padrões da sociedade. Pelo contrário, Paulo estava ciente de uma

incompatibilidade fundamental entre a Palavra e o mundo. “Saiba disto”, escreveu ele: “Nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis”.

É importante entender que, por “últimos dias”, o apóstolo não estava fazendo alusão a alguma época futura imediatamente anterior ao retorno de Cristo. No versículo 5, ele diz a Timóteo para “[afastar-se]” das pessoas que ele está descrevendo. Como Timóteo poderia evitá-las, se elas ainda não tivessem nascido? Não, os “últimos dias”, da perspectiva do Novo Testamento, começaram com Jesus Cristo. Jesus deu início a eles.[6] Os últimos dias são, portanto, estes dias, os dias em que Timóteo viveu e em que nós também vivemos. São todo o período entre a primeira e a segunda vindas de Cristo.

Quais são as características dos últimos dias? Três delas parecem se destacar na descrição de Paulo.

A primeira é o *amor mal direcionado*. Das dezenove marcas distintivas que o apóstolo lista (v. 2-4), é notável que seis tenham relação com o amor. “Os homens serão egoístas, avarentos [...] sem amor [...] inimigos do bem [...] mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus.” O significado da expressão “sem amor” deve ser entendido como “sem amor verdadeiro”. Essas pessoas não são totalmente desprovidas de amor; elas amam a si mesmas, amam o dinheiro e amam os prazeres. Mas esses são exemplos do amor *mal direcionado*. O eu, o dinheiro e o prazer são objetos inadequados do amor humano. Eles até se tornam idólatras quando tiram Deus de seu legítimo lugar como Aquele que deve ser amado com todo o nosso ser. No entanto, hoje vemos o amor mal direcionado em todos os lugares. O egoísmo, a cobiça e o hedonismo predominam, enquanto o primeiro e o segundo mandamentos, de amar a Deus e amar o próximo, são negligenciados. Além disso, quando o amor das pessoas está direcionado para coisas erradas, todos os seus relacionamentos acabam mal. Os homens se tornam “presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes [...] ingratos [...] irreconciliáveis, caluniadores” (v. 2-3).

A segunda característica de nossos tempos é a *religião vazia*. Nossos contemporâneos são descritos como “tendo aparência de piedade, mas negando

o seu poder" (v. 5). Pode parecer contraditório que pessoas que têm o amor-próprio como característica também possam ser religiosas. Mas é o que Paulo afirma. De fato, é possível que a religião, que tem por finalidade expressar a adoração a Deus, se perverta em um meio de alimentação do ego. O nome adequado para essa distorção doentia é hipocrisia, e Jesus a atacou com veemência.[7] Essa religião é "forma" sem "poder", espetáculo exterior sem realidade interior. É também inimiga do evangelho, pois o cristianismo nominal endurece as pessoas contra o verdadeiro cristianismo.

Terceira, os últimos dias são caracterizados pelo *culto da mente aberta*. Paulo escreve sobre pessoas que "estão sempre aprendendo, e jamais conseguem chegar ao conhecimento da verdade" (v. 7). Elas ficam indecisas. Seu lema é a tolerância. Determinadas a evitar a dor de chegar a conclusões definitivas, elas têm a mania de manter a mente aberta. Não conseguem suportar o que C. S. Lewis chamou de "o tirano meio-dia da revelação"[8]; preferem o crepúsculo do pensamento livre. Negligenciam a distinção que Allan Bloom apontou entre dois tipos de "abertura" – "a abertura da indiferença [...] e a abertura que nos convida a ir em busca de conhecimento e convicção".[9] Este último é um aspecto da virtude cristã da humildade, reconhecendo que nosso entendimento é provisório e incompleto, e sempre buscando aumentá-lo. O primeiro, por outro lado, não apenas é um insulto à verdade, como também é pessoalmente perigoso. Ele nos expõe ao perigo, como disse certo bispo, de termos nossa mente tão aberta que nosso cérebro caia!

Eis aqui, então, três características de nosso tempo que a Escritura critica de maneira resoluta e nos orienta a evitar.

- Devemos amar a Deus e o nosso próximo e não direcionar de forma equivocada nosso amor para nós mesmos, para o dinheiro ou para o prazer.
- Devemos valorizar a realidade e o poder da religião acima de suas formas exteriores.

- Devemos nos submeter com humildade à revelação de Deus e não cultivar um agnosticismo insosso e pouco exigente.

Portanto, Paulo pede a Timóteo que seja diferente do mundo ao seu redor. Depois de descrever essas tendências pecaminosas, Paulo escreve duas vezes *su de*, que é traduzido como "Mas você" (v. 10) e "Quanto a você" (v. 14). Essas palavras introduzem as duas exortações do apóstolo a Timóteo para resistir ao espírito do mundo. A primeira exortação concentra-se no que Timóteo já sabe sobre Paulo: seu "ensino", sua "conduta", seu "propósito", junto com sua "fé [...] paciência [...] amor [...] perseverança, as perseguições e os sofrimentos" (v. 10-13). Timóteo havia visto com seus próprios olhos o ministério de Paulo, incluindo a oposição e a perseguição que ele tivera de suportar em Antioquia, Icônio e Listra (v. 11). Pois o fato é que "todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (v. 12), uma vez que "os perversos e impostores", que rejeitam o evangelho, "irão de mal a pior" (v. 13).

Assim, o apóstolo compara os baixos padrões do mundo com seu próprio ensino e conduta. Os dois eram irreconciliavelmente antagônicos. Daí a perseguição que Paulo tivera de suportar. Se Timóteo quisesse permanecer firme, ficando do lado de Paulo e contra o mundo, ele, sem dúvida, teria de sofrer também.

## FIRMES NA PALAVRA

A menção de Paulo aos "perversos e impostores", "enganando e sendo enganados", que iriam "de mal a pior" (v. 13), leva-o ao seu segundo *su de*, "Quanto a você". Dessa vez, em vez de olhar apenas para seu ensino, conduta e sofrimentos passados, dos quais Timóteo já tinha conhecimento, ele olha também para o futuro: "Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que

aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu" (v. 14). Esses mestres com quem Timóteo havia aprendido são provavelmente, primeiro, sua mãe e sua avó, que lhe haviam ensinado o Antigo Testamento desde a infância (v. 15; cf. 1.5), e, segundo, o apóstolo, cujo "ensino" (v. 10) Timóteo conhecia e que está preservado para nós no Novo Testamento. Assim, Paulo compara dois grupos de mestres – de um lado, os impostores e enganadores do versículo 13, e, do outro lado, a mãe e o mentor (o próprio apóstolo) de Timóteo, que lhe haviam ensinado as Escrituras.

Hoje também devemos prestar atenção à mesma exortação. Não devemos ser como juncos soprados pelo vento. Não devemos nos curvar diante das tendências predominantes na sociedade, com sua cobiça e materialismo, seu relativismo e sua rejeição a todos os padrões absolutos de verdade e de bondade. Em vez disso, devemos permanecer fiéis às Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos.

Mas por quê? O que é a Escritura para ocupar um lugar tão importante em nossa vida? O apóstolo prossegue, enfatizando três dos seus aspectos fundamentais.

Primeiro, *as Sagradas Letras são capazes de tornar-nos sábios para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus* (v. 15). Seu objetivo principal é prático. É mais um guia do que um livro didático, mais um livro de salvação do que um livro de ciência. Isso não quer dizer que os relatos bíblicos e científicos do mundo estejam em conflito, mas, sim, que são complementares. O propósito de Deus na Escritura não é revelar fatos que podem ser descobertos pelo método científico da observação e experimento, mas, sim, revelar verdades que estão além do escopo da ciência, em particular o caminho de Deus para a salvação por meio de Cristo.

É por isso que Jesus Cristo é o próprio centro da revelação bíblica, uma vez que ela dá testemunho dele.[10] Como expressou J. J. von Allmen, "o coração da Escritura (que a resume e a torna viva) ou a cabeça da Escritura ([...] que a explica e a justifica) [...] é Jesus Cristo. Ler a Bíblia sem encontrá-lo é lê-la de

forma errada, e pregar a Bíblia sem proclamá-lo é pregá-la com falsidade".[11] É por nos instruir para receber a salvação que a Escritura nos instrui sobre Cristo, em quem pela fé recebemos a salvação. Além disso, amamos a Bíblia porque ela nos fala de Cristo. Ela é a imagem de Deus, o retrato de Cristo que Deus nos deu.

Segundo, *a Escritura é inspirada por Deus*. Uma versão bem conhecida traduz a expressão como "a Escritura é divinamente inspirada" [ARC]. Mas a NVI está correta ao usar as palavras "inspirada por Deus" como o equivalente preciso da expressão grega *theopneustos*. Isso nos diz que a Escritura é a Palavra de Deus, falada por Deus ou soprada pela boca de Deus. A combinação implícita de boca, sopro e palavra nos mostra que o modelo de inspiração pretendido é o da fala humana. Pois a fala é a comunicação entre mentes. Muitas vezes guardamos o que está "em nossa mente" para nós mesmos. Mas, quando falamos, revestimos os pensamentos de nossa mente com as palavras de nossa boca.

Observamos também que o texto diz: "Toda a Escritura é inspirada por Deus" (v. 16). É quase certo que a versão bíblica, por outro lado, que traduz como "toda Escritura inspirada é útil" [tradução livre] está incorreta. Ela implica que, se toda Escritura inspirada é útil, deve haver outras Escrituras que não são inspiradas e, portanto, não são úteis. Contudo, em primeiro lugar, o conceito de "Escritura não inspirada" é uma contradição de termos, uma vez que a palavra "Escritura" simplesmente significa escrita inspirada. Em segundo lugar, tal versão omite, sem fundamento suficiente, a pequena palavra *kai*, que significa "e" ou "também". Isso mostra que Paulo não está fazendo uma declaração ("toda Escritura inspirada é útil"), mas duas ("toda a Escritura é inspirada *e* útil"). De fato, é útil para nós justamente porque é inspirada por Deus.

No entanto, não devemos deturpar a verdade da inspiração. Quando Deus falou, ele não falou para o nada. Tampouco escreveu documentos e os deixou espalhados para serem descobertos, como Joseph Smith (fundador da Igreja Mórmon) afirmou com relação às suas placas de ouro. Nem ditou a Escritura para assessores que não eram partícipes dela, assim como os muçulmanos acreditam que Alá ditou o Alcorão em árabe para Maomé. De maneira nenhuma.

Por processo de inspiração queremos dizer que os autores humanos, mesmo enquanto Deus falava com eles e por meio deles, estavam eles mesmos ativamente envolvidos na pesquisa histórica, na reflexão teológica e na composição literária. Pois grande parte da Escritura é narrativa histórica, e cada autor tem sua própria ênfase teológica e seu próprio estilo literário. A inspiração divina não dispensou a cooperação humana nem eliminou as contribuições peculiares dos autores.

Portanto, "inspirada por Deus" não é a única consideração que a Escritura faz de si mesma, uma vez que não era só a boca de Deus que estava participando de sua elaboração. A mesma Escritura que diz "a boca do Senhor o disse"[12], diz também que Deus falou "pela boca de todos os seus santos profetas".[13] Da boca de quem saiu a Escritura, então? De Deus ou dos profetas? A única resposta bíblica é "de ambos". De fato, Deus falou por meio dos autores humanos de tal maneira que suas palavras eram, ao mesmo tempo, as palavras deles, e as palavras deles eram as suas. Essa é a dupla autoria da Bíblia. A Escritura é, de igual modo, a Palavra de Deus e as palavras de seres humanos. Melhor ainda, é a Palavra de Deus por meio das palavras de seres humanos.

É essencial manter as duas autorias juntas. Alguns teólogos, antigos e modernos, católicos e protestantes, recorrem às duas naturezas de Cristo como analogia. Embora o paralelo não seja exato, é esclarecedor. Ao tratar da pessoa de Cristo (que é Deus e homem), não devemos afirmar sua divindade de tal forma a negar sua humanidade, nem afirmar sua humanidade de tal forma a negar sua divindade, mas, sim, afirmar ambas as coisas de igual modo, recusando-nos a permitir que uma contradiga a outra. Do mesmo modo, em nossa doutrina da Escritura, não devemos afirmar que ela é a Palavra de Deus de tal forma a negar que sejam palavras de seres humanos (o que é fundamentalismo), nem afirmar que são palavras de seres humanos de forma a negar que seja a Palavra de Deus (o que é o liberalismo), mas, sim, afirmar ambas as coisas de igual modo, recusando-nos a permitir que uma contradiga a outra. Portanto, por um lado, Deus falou,[14] determinando o que queria dizer, mas sem abafar a personalidade

dos autores humanos. Por outro, os homens falaram,[15] usando suas faculdades livremente, mas sem distorcer a verdade que Deus estava falando por meio deles.

Não temos o direito de declarar que essa combinação é impossível. Dizer isso, escreveu o doutor J. I. Packer, seria indicar

> uma falsa doutrina de Deus – neste caso, particularmente de sua providência – [...] Pois pressupõe que Deus e o homem se relacionam de tal forma que não podem ser agentes livres na mesma ação. Se o homem age livremente (ou seja, voluntária e espontaneamente), Deus não o faz, e vice-versa. As duas liberdades se excluem mutuamente. Mas as afinidades dessa ideia têm a ver com o deísmo, não com o teísmo cristão [...] A cura para esse raciocínio tão falaz é compreender a ideia bíblica de que Deus coopera no livre exercício da própria mente do homem, com ele e por meio dele.[16]

A maneira como entendemos a Escritura influenciará a maneira como a lemos. Em particular, sua dupla autoria exige uma dupla abordagem. Uma vez que a Escritura é a Palavra de Deus, devemos lê-la como não lemos nenhum outro livro – ajoelhados, com humildade, com reverência, em oração, pedindo ao Espírito Santo que nos ilumine. Contudo, uma vez que as Escrituras também são as palavras de seres humanos, devemos lê-las como lemos *qualquer* outro livro, usando nossa inteligência, pensando, ponderando e refletindo, e prestando muita atenção às suas características literárias, históricas, culturais e linguísticas. Essa combinação de humilde reverência com reflexão crítica não é apenas possível; é indispensável.[17]

Terceiro, *toda a Escritura é útil* (v. 16-17). Ela é capaz de fazer mais do que nos instruir para receber a salvação (v. 15); também é "útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça" (v. 16). Em outras palavras, é proveitosa tanto para a doutrina (ensinar a verdade e corrigir o erro) quanto para a ética (repreender o pecado e orientar para uma vida em retidão). Ela nos conduz na fé e no comportamento cristãos até que nos tornemos homens

e mulheres de Deus, "plenamente [preparados] para toda boa obra" (v.17). Desse modo, a Bíblia tem um papel essencial a desempenhar em nosso crescimento até atingirmos a maturidade em Cristo, como veremos de maneira mais detalhada no próximo capítulo. Em contraste com os erros dos "perversos e impostores", Timóteo deveria permanecer firme na Palavra de Deus, tanto nas Escrituras do Antigo Testamento quanto no ensino do apóstolo.

Graças a Deus pela Bíblia! Deus não nos deixou procurando nosso caminho na escuridão; ele nos deu uma luz para nos mostrar o caminho. Ele não nos abandonou para naufragarmos em mares agitados; a Escritura é uma rocha na qual podemos nos firmar. Nossa decisão deveria ser estudá-la, crer nela e obedecer-lhe.

## PREGANDO A PALAVRA

Nem Timóteo nem qualquer outra pessoa tem o direito de monopolizar a Escritura. Pois ela não é propriedade privada de ninguém; é pública. Foi dada por Deus e pertence a todos. A Palavra de Deus foi anunciada para ser transmitida. Assim, o apóstolo, ciente da presença de Deus e da futura aparição de Cristo para nos julgar (4.1), faz a Timóteo esta exortação: "Pregue a Palavra" (v. 2). Ele deve proclamá-la como um mensageiro ou arauto da cidade. E deve fazer isso com ousadia, urgência e relevância, corrigindo, repreendendo e encorajando de acordo com a situação e a necessidade das pessoas, e "com toda a paciência e doutrina" (v. 2).

Isso era ainda mais necessário, acrescentou Paulo, porque estava chegando o tempo em que as pessoas "não [suportariam] a sã doutrina". Em vez disso, sofrendo de uma estranha condição patológica chamada "coceira nos ouvidos", elas dariam ouvidos aos mestres que dizem o que elas querem ouvir, em vez de ouvirem a verdade que Deus deseja lhes dizer (v. 3-4). No entanto, a relutância

de algumas em ouvir a Palavra de Deus não é razão para desistirmos de pregá-la! Pelo contrário, Timóteo deveria perseverar, ser sóbrio, suportar a oposição e cumprir fielmente seu ministério, tanto como evangelista quanto como mestre (v. 5).

Uma das maiores necessidades da Igreja contemporânea é a exposição bíblica conscienciosa vinda do púlpito (veja o capítulo 4). O desconhecimento até mesmo dos rudimentos da fé é generalizado. Muitos cristãos são imaturos e instáveis. E a principal razão para esse lamentável estado de coisas é a escassez de pregadores bíblicos responsáveis, cuidadosos e equilibrados. O púlpito não é o lugar para expressar nossas próprias opiniões, mas para expor a Palavra de Deus.

O clímax da exortação do apóstolo está nos versículos 6 a 8. Em uma carta anterior, escrita cerca de dois anos antes, ele havia se descrito como um homem "já velho".[18] Agora ele escreve que chegou a hora de sua partida. Na verdade, o derramamento de sua vida como uma oferta de bebida já havia começado (v. 6). Olhando para sua carreira apostólica no passado, ele pode dizer que combateu o bom combate, terminou a corrida e guardou a fé (v. 7). Não tem do que se arrepender. Ele provavelmente está encarcerado na prisão subterrânea Mamertina, em Roma, da qual não espera ser libertado. Já visualiza na mente o brilho da espada do carrasco e, além dela, "a coroa da justiça" que, no último dia, Jesus, o justo Juiz, dará a ele e a "todos os que amam a sua vinda" (v. 8). É esse sentimento de que seu ministério está chegando ao fim que o leva a exortar Timóteo a ficar firme na Palavra, permanecer nela e passá-la adiante.

Espero que não seja considerado pessoal demais se eu disser que entendo e sinto a pungência das palavras de Paulo, embora, é claro, eu não me atreva a me comparar a ele. Mas, enquanto escrevo estas palavras, acabo de comemorar meu septuagésimo aniversário, meus "setenta" anos estatutários.[19] Então é natural que eu me pergunte: onde estão os Timóteos da próxima geração? Onde estão os jovens evangélicos que estão determinados pela graça de Deus a ficar firmes na Escritura, recusando-se a serem levados pelos ventos dominantes da moda, que estão decididos a permanecer na Escritura e a viver por ela, relacionando a

Palavra com o mundo a fim de obedecer a ela, e com o compromisso de passá-la adiante à medida que se entregam ao ministério da exposição conscienciosa?



## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Você acha que o ensino que você recebeu é "um depósito sagrado a ser guardado"? Como isso seria na prática?
2. Quando você se sente pressionado pelo mundo ao seu redor a abdicar da verdade da Escritura?
3. "Ler a Bíblia sem encontrar Cristo é lê-la de forma errada." Você lê a Bíblia procurando encontrar Cristo?
4. A "dupla autoria [da Bíblia] exige uma dupla abordagem" – uma "combinação de humilde reverência com reflexão crítica". Para você, o que é ler a Bíblia com humilde reverência?
5. Para você, o que é ler a Bíblia com reflexão crítica?
6. Tanto o apóstolo Paulo quanto John Stott escrevem como homens que estão chegando ao fim da vida e que desejam ver uma nova geração de pessoas comprometidas com a Bíblia. Como você responderia à pergunta de Stott: "Onde estão os Timóteos da próxima geração?". Como você se encaixa na resposta?

CAPÍTULO 2

# RESPONDENDO À PALAVRA

O CONCEITO DE revelação divina e de nossa necessidade de nos submetermos a ela é eminentemente racional e, do ponto de vista prático, saudável. É racional porque reconhece que o Deus infinito está totalmente acima de suas criaturas finitas e que nunca poderíamos tê-lo conhecido se ele não tivesse tomado a iniciativa de se fazer conhecido. É também saudável porque a submissão à autorrevelação de Deus em Cristo e no pleno testemunho bíblico de Cristo, longe de inibir a saúde e o crescimento da Igreja, é na verdade indispensável a ambos.

Minha alegação neste capítulo é que a Palavra de Deus, quando recebida e respondida, tem um papel central na fé e na vida do povo de Deus. Darei cinco exemplos.

## DISCIPULADO MADURO

Primeiro, a submissão à autoridade das Escrituras é *o caminho para o discipulado maduro*. Não estou dizendo que é impossível ser um discípulo de Jesus sem que se tenha uma visão elevada das Escrituras, pois esse, claro, não é o caso. Existem seguidores genuínos de Jesus Cristo que não são "evangélicos", cuja convicção nas Escrituras é pequena, até mínima. Em vez disso, eles depositam mais fé nas tradições passadas e nos ensinamentos atuais da Igreja, ou em suas próprias ideias ou experiência. Não desejo negar a autenticidade da profissão cristã dessas pessoas. No entanto, eu acrescentaria que seu discipulado está fadado a ficar

empobrecido como resultado de sua atitude para com a Bíblia. Não é possível um discipulado cristão pleno, equilibrado e maduro quando os discípulos não se submetem à autoridade de ensino de seu Senhor tal como mediada pela Escritura.

Afinal, o que é discipulado? É um estilo de vida multifacetado, uma combinação de vários ingredientes. Em particular, inclui adoração, fé, obediência e esperança, como veremos a seguir. Todo cristão é chamado a adorar a Deus, a confiar nele, a obedecer-lhe e a olhar com confiante esperança para o futuro. No entanto, cada uma dessas atitudes é uma resposta à revelação e fica seriamente prejudicada sem uma revelação confiável e objetiva de Deus.

1. *Adoração*. Todo cristão é um adorador. Tanto em público quanto em privado, reconhecemos nosso dever de adorar ao Deus todo-poderoso. Mas como podemos adorar a Deus se não soubermos quem ele é e que tipo de adoração lhe agrada? Sem esse conhecimento, é quase certo que nossas tentativas de adoração descambem para a idolatria.

Na melhor das hipóteses, replicaríamos aquele famoso altar que Paulo encontrou em Atenas com a inscrição "Ao deus desconhecido".[1] Mas os cristãos não são atenienses agnósticos; devemos amar o Senhor, nosso Deus, de todo o nosso entendimento[2] e adorá-lo "em espírito e em verdade".[3]

O que, então, significa adorar a Deus? Significa "[gloriar-se] no seu santo nome",[4] isto é, deleitar-se com adoração em quem ele é em seu caráter revelado. Mas, antes de podermos nos gloriar no santo nome de Deus, devemos conhecê-lo. Daí a importância da leitura e pregação da Palavra de Deus na adoração pública e da meditação bíblica na devoção privada. Essas práticas não são coisas que interrompem a adoração; elas formam a base necessária para tal. Deus deve falar conosco antes de podermos falar com ele. Deus deve nos revelar quem ele é antes de podermos oferecer-lhe o que somos em uma adoração aceitável. A adoração a Deus é sempre uma resposta à Palavra de Deus. A Escritura orienta e enriquece lindamente nossa adoração.

2. *Fé*. Se todo cristão é um adorador, ele é também uma pessoa que crê. De

fato, a vida cristã é uma vida de fé. "Onde está a sua fé?", perguntou Jesus aos Doze quando eles ficaram com medo, e os exortou: "Tenham fé em Deus".[5]

Mas o que é fé? Também é uma resposta à revelação de Deus. Não podemos confiar em um Deus que não conhecemos, assim como não podemos adorar um Deus desconhecido. Consideremos Salmos 9.10: "Os que conhecem o teu nome confiam em ti, pois tu, Senhor, jamais abandonas os que te buscam". Se adorar é "gloriar-se" em Deus por quem ele é (seu "nome"), então fé é "confiar" nele por causa de quem ele é. Portanto, fé não é ingenuidade nem credulidade. Não é ilógica nem irracional. Pelo contrário, fé é uma confiança racional. Ela se baseia no conhecimento, o conhecimento do nome de Deus. Sua razoabilidade é fruto da confiabilidade do Deus em quem se confia. Nunca é irracional confiar em Deus, uma vez que não existe ninguém mais confiável que ele.

A fé aumentará, portanto, à medida que refletirmos sobre o caráter de Deus (que nunca mente) e sobre a aliança de Deus (que se comprometeu com seu povo). Mas como podemos conhecer seu caráter e aliança? Somente por meio da Bíblia, na qual essas verdades idênticas foram reveladas. Assim, quanto mais meditarmos na autorrevelação de Deus nas Escrituras, mais madura nossa fé se tornará, ao passo que, sem as Escrituras, nossa fé estará fadada a ser fraca e doentia.

3. *Obediência*. Jesus chama seus discípulos para uma vida de obediência, bem como de adoração e fé.

Mas como podemos obedecer-lhe se não conhecermos sua vontade e seus mandamentos? Sem o conhecimento disso, a obediência se torna impossível. "Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos", disse ele.[6] E novamente: "Quem tem os meus mandamentos [isto é, conhece-os e guarda-os na mente e memória] e lhes obedece, esse é o que me ama".[7]

Mais uma vez, portanto, a Bíblia é considerada indispensável para o discipulado maduro. É nela que aprendemos os mandamentos de Cristo e, assim, damos o primeiro passo necessário para compreender e fazer a vontade de Deus.

4. *Esperança*. A esperança cristã é uma expectativa confiante em relação ao

futuro. Nenhum cristão pode ser cínico ou pessimista. É verdade que não acreditamos que algum dia os seres humanos conseguirão construir a Utopia na terra. Mas, embora tenhamos pouca confiança nas realizações humanas, temos muita confiança nos propósitos e no poder de Deus. Estamos certos de que o erro e o mal não terão a última palavra. Pelo contrário, a verdade e a justiça triunfarão no fim. Jesus Cristo retornará com força e esplendor, os mortos ressuscitarão, a morte será destruída e o universo será libertado da decadência e será coberto de glória.

Mas como podemos ter tanta certeza dessas coisas? Não há motivos óbvios para tal convicção. O mal se multiplica. Os ímpios permanecem impunes em sua maldade. Os problemas do mundo parecem insolúveis. O aquecimento global lança uma sombra no horizonte. Não há mais razão para desespero do que para esperança? Sim, haveria – não fosse a Bíblia! É a Bíblia que desperta, orienta e alimenta a esperança. Para o cristão, a esperança é muito diferente do otimismo secular. É uma confiança em Deus, despertada pelas promessas de Deus. "Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos", exorta o autor de Hebreus aos seus leitores. Por quê? Porque "aquele que prometeu é fiel".[8] O próprio Jesus disse que voltaria. "Então se verá o Filho do homem vindo nas nuvens com grande poder e glória [...] E vereis o Filho do homem [...] vindo com as nuvens do céu."[9] São promessas como essas que estimulam nossa esperança. É "de acordo com a sua promessa" que estamos esperando por um novo mundo, onde reinará a justiça.[10]

Aqui, pois, estão os quatro ingredientes básicos do discipulado cristão: adoração, fé, obediência e esperança. Todos seriam irracionais sem uma base objetiva na revelação de Deus, para a qual eles são uma resposta:

- a adoração é uma resposta à revelação do nome de Deus;
- a fé é uma resposta à revelação de seu caráter e sua aliança;

- a obediência é uma resposta à revelação de sua vontade e seus mandamentos;
- a esperança é uma resposta à revelação de seu propósito e suas promessas.

E o nome, a aliança, os mandamentos e as promessas de Deus são todos encontrados nas Escrituras. É por isso que as Escrituras são fundamentais para o crescimento cristão e a submissão à sua autoridade é o caminho para o discipulado maduro.

## INTEGRIDADE INTELECTUAL

Segundo, a submissão à autoridade bíblica é *o caminho para a integridade intelectual*.

Muitas pessoas negariam de imediato esta declaração e até afirmariam o contrário. Elas não conseguem entender como cristãos aparentemente inteligentes na era moderna podem ser tão irracionais a ponto de acreditarem na inspiração e na autoridade da Bíblia. Para essas pessoas, o compromisso com a verdade e a credibilidade das Escrituras são insustentáveis. Assim, acusam aqueles de nós que se apegam a elas de falta de integridade intelectual. Elas nos acusam de imprecisão deliberada, esquizofrenia mental, suicídio intelectual e outras condições igualmente horríveis. Diante dessas acusações, no entanto, nós nos declaramos "inocentes". Insistimos que nossa convicção em relação às Escrituras é fruto da mesma integridade que nossos críticos dizem que não temos.

"Integridade" é a qualidade de uma pessoa íntegra. Em particular, os cristãos íntegros estão em paz, e não em guerra, consigo mesmos. Em vez de estarmos cientes de uma dicotomia entre nossas várias crenças, ou entre nossas crenças e nosso comportamento, de modo a estarmos "dilacerados" por dentro, há uma

harmonia interior. Somos "uma só peça", integrais. Qual é o segredo dessa integração?

Não há princípio cristão mais integrador do que a afirmação de que "Jesus Cristo é o Senhor". A essência do discipulado integrado é que confessamos seu senhorio com nossos lábios e o entronizamos como Senhor em nosso coração. Assumimos o leve fardo de sua autoridade disciplinadora.[11] Procuramos "[levar] cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo".[12] E, quando Jesus é o Senhor de nossas crenças, opiniões, ambições, padrões, valores e estilo de vida, então somos cristãos integrados, e a "integridade" marca nossa vida. Só quando *ele* é o Senhor é que *nós* nos tornamos inteiros.

Mas o próprio Jesus, nosso Senhor, se submeteu às Escrituras do Antigo Testamento. Em sua conduta ética, em sua compreensão de sua missão e em seus debates públicos com os líderes religiosos da época, sua principal preocupação era ser fiel às Escrituras. "O que diz a Escritura?", ele perguntaria. Era sempre sua apelação final. E Jesus esperava que seus discípulos seguissem seu exemplo. Ele também tomou providências para que as Escrituras do Novo Testamento fossem escritas, ao escolher, chamar, preparar e comissionar seus apóstolos para serem os mestres da Igreja, esperando que a Igreja se submetesse a eles. "Aquele que lhes dá ouvidos, está me dando ouvidos", afirmou.[13] Como consequência disso, a submissão às Escrituras pelos discípulos cristãos é uma parte essencial de nossa submissão a Jesus como Senhor. Afinal, o discípulo não está acima de seu mestre. Portanto, não podemos nos permitir ficar à vontade com uma submissão seletiva. Seria inerentemente ilógico, por exemplo, concordar com a doutrina de Deus que Jesus pregava, mas discordar de sua visão sobre a Palavra de Deus. Não, submissão seletiva não é submissão autêntica.

Isso nos dá a pista de que precisamos sobre como lidar com os problemas na Bíblia. Pois, ao afirmar a inspiração e autoridade das Escrituras, não estou negando que haja problemas. Existem problemas textuais, literários, históricos, científicos, filosóficos, culturais, teológicos e morais. Os fenômenos observáveis das Escrituras (que vemos indutivamente nas páginas da Bíblia) às vezes parecem

conflitar com nossa doutrina das Escrituras (que sustentamos ao deduzi-la a partir da atitude e ensino de Jesus). Então, o que devemos fazer com os problemas? Como podemos lidar com eles com integridade?

Precisamos lembrar que toda doutrina cristã levanta problemas. Isso inclui as doutrinas centrais de Deus (seu ser, criação, soberania, providência e justiça), de Jesus Cristo (sua pessoa única em duas naturezas, sua obra de expiação, sua ressurreição corporal, seu reino presente e seu retorno futuro) e do Espírito Santo (sua atuação na Igreja e no mundo). Ou consideremos o amor de Deus. É uma doutrina cristã fundamental. Todo cristão, sem exceção (o católico romano, o ortodoxo, o reformado, o luterano, o episcopal, o independente, o pentecostal), acredita que Deus é amor. Se negassem isso, eles não seriam cristãos. No entanto, os problemas que cercam essa crença são enormes: por exemplo, a origem e a propagação do mal, o sofrimento dos inocentes, os "silêncios" e os "atos" de Deus, a vastidão do universo e a aparente insignificância dos seres humanos como indivíduos.

Suponhamos que alguém nos procure com um problema ou dilema pessoal (talvez o nascimento de uma criança deficiente, um desastre natural ou a perda trágica de um ente querido) e nos desafie: "Por que isso aconteceu comigo? Como Deus pode ser amor se permite algo assim?". Como reagimos? Dizemos que, para preservar nossa integridade intelectual, devemos suspender nossa crença no amor de Deus até que tenhamos resolvido o problema? Espero que não. Tampouco varremos o problema para debaixo do tapete e tentamos esquecê-lo. Não, em vez disso, além da questão de como devemos responder de forma pastoral ao autor da pergunta, lutamos com o problema em nossa mente e coração. Refletimos de forma conscienciosa, lemos, falamos e oramos sobre o assunto. E, durante esse processo, alguma luz é lançada sobre o problema. No entanto, parte da perplexidade permanece. Então, o que vem a seguir? Sugiro que o caminho para a integridade intelectual é manter nossa convicção sobre o amor de Deus, a despeito das demais dificuldades, basicamente por um só motivo, a saber, que o próprio Jesus, nosso Senhor, ensinou e demonstrou esse amor. Foi

por causa de Jesus que passamos a acreditar no amor de Deus, em primeiro lugar; é pela mesma razão que devemos continuar a fazê-lo.

O mesmo acontece com os problemas relacionados à Bíblia. Precisamos aprender a enfrentá-los assim como enfrentamos os problemas relativos a outras doutrinas cristãs. Se alguém nos procura com um problema bíblico (uma discrepância, por exemplo, entre teologia e ciência, ou entre dois relatos do Evangelho, ou um dilema moral), o que devemos fazer? Não devemos (por uma forma equivocada de integridade) suspender nossa crença na verdade das Escrituras até que tenhamos resolvido o problema. Tampouco devemos pôr o problema em uma prateleira (adiando indefinidamente seu desafio) ou jogá-lo para debaixo do tapete (ocultando-o permanentemente, até de nós mesmos). Em vez disso, devemos lutar conscientemente com o problema em nosso pensamento, discussão e oração. Ao fazermos isso, algumas dificuldades podem ser total ou parcialmente resolvidas. Mas, então, a despeito daquelas que ainda persistem, devemos manter nossa confiança na Escritura, com base no fato de que o próprio Jesus a ensinou e demonstrou.

Se um crítico me diz: "Você é um anti-intelectual por acreditar que a Bíblia é a Palavra de Deus a despeito dos problemas", eu agora retribuo o cumprimento dizendo: "Certo, se você quiser, eu sou. Porém, você é um anti-intelectual por acreditar no amor de Deus a despeito dos problemas". Na verdade, no entanto, crer em uma doutrina cristã a despeito de seus problemas, por causa do reconhecido senhorio de Jesus Cristo, não é obscurantismo (preferir as trevas à luz), mas fé (confiar naquele que disse ser a luz do mundo). É mais do que fé: é a séria integridade intelectual de confessar Jesus como Senhor.

## PROGRESSO ECUMÊNICO

Em terceiro lugar, a submissão à autoridade das Escrituras é *o caminho para o progresso ecumênico*, isto é, o meio de assegurar uma união aceitável das igrejas.

Agora reconheço que alguns de meus leitores podem não ter vontade alguma de fazer algum progresso aqui. É possível que você esteja (estou supondo) desconfiado de todo o movimento ecumênico. Você pode ver (embora seja sempre enganoso generalizar) a tendência desse movimento à indiferença doutrinária, sua tentativa de reinterpretar a missão cristã em termos de ação sociopolítica e sua inclinação ao sincretismo e universalismo em face de outras religiões. Na verdade, entendo suas preocupações, pois eu as tenho também. Há muita coisa no ecumenismo contemporâneo que nos deixa perplexos e até angustiados.

No entanto, também estou preocupado com a condenação generalizada da atividade ecumênica expressa por grande parte do círculo de evangélicos. Está claro para mim que não podemos simplesmente ignorar toda a comunidade não evangélica do cristianismo como se ela não existisse, ou, uma vez que existe, considerá-la não cristã e decidir não ter nenhuma relação com ela. O nosso Senhor Jesus orou para que seu povo fosse um, para que o mundo viesse a crer,[14] e seu apóstolo Paulo nos exorta a "[fazer] todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz".[15]

Sem dúvida, há espaço para discordâncias entre nós quanto à forma que a unidade cristã deveria assumir. Mas deveria ser possível concordar que a competição entre diferentes igrejas é inadequada e que a unidade visível da Igreja, de alguma forma, é um objetivo desejável. Em sua resposta a uma carta de Thomas Cranmer, arcebispo da Cantuária, em 1552, João Calvino escreveu:

> Sem dúvida, deve ser considerado entre os maiores males de nosso século o fato de que as igrejas estão afastadas umas das outras [...] e que são poucos os que buscam com sinceridade a comunhão dos membros de Cristo, a qual muitos professam com os lábios [...] Sendo assim, os membros estão tão dispersos que o corpo da Igreja está sangrando. Isso me deixa tão

> consternado que, se alguém visse que eu poderia ser útil de alguma forma, eu não hesitaria em atravessar dez mares para alcançar esse fim [...] Na verdade, se homens eruditos quisessem buscar um acordo sólido e cuidadosamente elaborado em conformidade com o padrão das Escrituras, um acordo pelo qual as igrejas, separadas umas das outras, pudessem se unir, penso que, de minha parte, eu não deveria medir nenhum esforço ou dificuldade.[16]

A carta de Calvino a Cranmer é significativa, não apenas por causa do objetivo que ele tinha em vista (a união de igrejas que estavam separadas), mas também por causa dos meios que ele propunha (um acordo baseado no padrão das Escrituras). Pois a unidade que o próprio Cristo deseja para sua Igreja é, certamente, uma unidade baseada na verdade. Sua oração registrada em João 17 une claramente as duas coisas. A Igreja está edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, tendo o próprio Cristo como a pedra angular,[17] e ela certamente não crescerá em tamanho ou estabilidade se negligenciar, muito menos se enfraquecer, esse fundamento.

A fé apostólica que nos une, sem dúvida, chegou até nós pelo Novo Testamento, e nenhuma união de igrejas poderia ou deveria ser considerada caso viesse a se desviar dessa regra. Em particular, um dos maiores obstáculos à unidade tem sido a falha em distinguir entre as Escrituras e a tradição. O próprio Jesus traçou uma distinção clara entre as Escrituras escritas e a tradição oral dos anciãos, tornando a última subordinada à primeira, e até mesmo chegou a rejeitar a tradição como sendo "regras ensinadas por homens", a fim de que as Escrituras, como sendo a Palavra de Deus, pudessem ter a supremacia.[18] A mesma distinção precisa ser feita hoje. No entanto, um exemplo do motivo pelo qual alguns projetos de unidade da Igreja têm fracassado é a tendência das igrejas anglicanas ou episcopais de insistir em uma visão particular do "episcopado histórico" (o governo da Igreja por meio de bispos) como algo inegociável. Pode-se entender as razões históricas para isso, e eu mesmo gostaria de defender uma forma de governo episcopal como um ideal pastoral que é consistente com as

Escrituras e contribui para a saúde da Igreja. Mas não se pode insistir nele como algo indispensável, uma vez que pertence à tradição da Igreja e não é exigido pelas Escrituras.

Se pudéssemos concordar que a Escritura é a "Palavra escrita de Deus" (artigo anglicano XX), que ela é suprema em sua autoridade sobre todas as tradições humanas, por mais veneráveis que sejam, e que ela deve ser autorizada a reformar e renovar a Igreja, daríamos um salto imediato nas relações ecumênicas. A reforma segundo a Palavra de Deus é indispensável para a reunião.

## EVANGELISMO EFICAZ

Em quarto lugar, a submissão à autoridade das Escrituras é *o caminho para o evangelismo fiel e eficaz*. Meu argumento até agora tem sido doméstico e eclesiástico, uma vez que temos pensado sobre o discipulado pessoal e as relações entre as igrejas. O tempo todo, o mundo do lado de fora está imerso em grande confusão e escuridão. Será que a Igreja tem alguma luz para essa escuridão, alguma palavra de esperança para este mundo moderno sem rumo?

Uma das mazelas da Igreja contemporânea é que, justamente quando o mundo parece estar pronto para ouvi-la, ela muitas vezes tem pouco a dizer, pois a própria Igreja está desnorteada. Ela compartilha da desorientação atual, em vez de tratá-la. A Igreja está insegura, não tem certeza de sua identidade, missão e mensagem. Ela gagueja e engasga quando deveria proclamar o evangelho com ousadia. Na verdade, a principal razão para sua influência cada vez menor no Ocidente é sua fé cada vez menor.

O resgate do evangelismo não é possível sem o resgate do *evangelho*, "as boas novas". Evangelizar, de acordo com sua definição mais simples, é "compartilhar

o evangelho". Portanto, o evangelismo bíblico não é possível sem o evangelho bíblico. Evangelismo deve ser definido em termos do próprio evangelho.

Deveríamos ser capazes de concordar que o testemunho cristão é, em essência, o testemunho de Cristo, e que o único Cristo autêntico é o Cristo testemunhado pelos apóstolos. Os apóstolos foram as testemunhas originais, as testemunhas oculares, por isso, nosso testemunho, embora seja vital, sempre permanece secundário ao deles. Não temos autoridade para alterar o evangelho deles. Nosso chamado é, antes, preservá-lo como mordomos, proclamá-lo como arautos e defendê-lo como advogados.

Em seu livro *Go and Make Disciples* [Vá e faça discípulos], David Read, ex-ministro da Igreja Presbiteriana da Avenida Madison, em Nova York, escreveu: "Aqueles de nós que gostamos de visitar outros países estamos familiarizados com aquele momento sério em que, na imigração, nos deparamos com um agente da alfândega que [...] nos olha com frieza e pergunta: 'Você tem algo a declarar?'. Ainda não tive coragem de responder: 'Sim, como ministro do evangelho, é meu dever declarar que Jesus Cristo é o seu Senhor e Salvador'". Assim, David Read chama seu capítulo final de "O ponto crucial: você tem algo a declarar?". É a falta de convicção em relação ao evangelho, escreve ele, que faz com que "a maioria de nós [...] seja de evangelistas relutantes".[19]

Concordo. Acho que não há possibilidade de a Igreja levar a sério sua tarefa evangelística se ela, primeiro, não resgatar sua confiança na verdade, na relevância e no poder do evangelho e começar a se empolgar com ele novamente. Para isso, no entanto, ela terá de retornar à Bíblia, na qual o evangelho foi revelado.

## HUMILDADE PESSOAL

Quinto, a submissão à autoridade das Escrituras é *o caminho para a humildade cristã pessoal*. Nada é mais detestável naqueles de nós que afirmam seguir a Jesus Cristo do que a arrogância, e nada é mais apropriado ou atraente do que a humildade. E um elemento essencial na humildade cristã é a disposição para ouvir e receber a Palavra de Deus. Talvez a maior de todas as nossas necessidades seja retomar nosso lugar de modo humilde, calmo e esperançoso aos pés de Jesus Cristo, para ouvir com atenção sua Palavra, crer nela e obedecer-lhe. Pois não temos liberdade para desacreditá-la ou desobedecer-lhe.

A grande questão que se coloca diante de nós e de toda a Igreja é se Jesus Cristo é Senhor (como dizemos que ele é) ou não. A pergunta é se Cristo é o Senhor da Igreja (para ensiná-la e comandá-la) ou se a Igreja é o senhor de Cristo (para alterar e manipular seus ensinamentos). Na crise contemporânea de autoridade no mundo e de perda de autoridade na Igreja, meu apelo é para que nos voltemos para uma humilde submissão às Escrituras como Palavra de Deus. Devemos nos submeter às Escrituras com uma humilde submissão a Jesus Cristo como Senhor, que se submeteu, ele mesmo, às Escrituras, com toda humildade, em sua própria fé, vida, missão e ensino.

Ao fazermos isso, encontraremos o caminho para o discipulado maduro e para a integridade intelectual, o caminho para unir as igrejas e evangelizar o mundo e o caminho para expressar uma humildade apropriada diante de nosso Senhor Jesus Cristo. É isso que quero dizer quando me refiro à "salubridade" de submeter-se à autoridade das Escrituras.

## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Você consegue pensar em maneiras específicas pelas quais sua adoração, fé, obediência ou esperança têm sido ultimamente moldadas pela Palavra de

Deus?

2. Quais “problemas” você enfrenta ao ler a Bíblia ou ao compartilhar a mensagem da Palavra de Deus? Como você pode responder a eles de uma forma integrada?
3. Você consegue pensar em crenças e práticas em sua igreja que não são exigidas pelas Escrituras (embora possam ser consistentes com elas)? Elas já se tornaram obstáculos para o trabalho conjunto com outros cristãos?
4. Qual é a ligação entre a convicção no evangelho e o compromisso com o evangelismo? O que você poderia fazer para se tornar ou permanecer empolgado com o evangelho?
5. Afirmar que o cristianismo é a verdade é muitas vezes visto como arrogância. Por que isso, na verdade, pode caracterizar um sinal de humildade?
6. Como você explicaria a razão pela qual é “saudável” se submeter às Escrituras?

CAPÍTULO 3

# TRANSPONDO A PALAVRA

TODA VEZ QUE pegamos a Bíblia para lê-la, mesmo em uma versão contemporânea, estamos cientes de que estamos voltando dois milênios ou mais na história. Viajamos no tempo, para um período anterior à revolução da informação e à Revolução Industrial, até que nos vemos em um mundo estranho que há muito deixou de existir. Por conseguinte, a Bíblia parece estranha, soa arcaica, parece obsoleta e cheira a mofo. Ficamos tentados a perguntar, impacientes: "O que é que esse livro velho tem a dizer para mim?".

Nosso senso de desorientação quando lemos a Bíblia e a consequente dificuldade que experimentamos para entendê-la não se devem, sobretudo, à passagem do tempo em si mesmo (do primeiro século ao século 21) nem à mera distância (do Oriente Médio ao Ocidente), mas às diferenças culturais causadas pela distância no tempo e no espaço.

Na verdade, nós nos deparamos com dois problemas distintos, mas complementares. O primeiro é o problema de nosso próprio aprisionamento cultural, e o segundo é o problema do condicionamento cultural dos autores bíblicos. Ou seja, tanto os escritores quanto os leitores da Escritura são criaturas moldadas pela cultura, produtos (e, portanto, até certo ponto, prisioneiros) das culturas específicas nas quais foram criados. Como consequência, em todas as nossas leituras da Bíblia há uma colisão de culturas entre o mundo bíblico e o mundo moderno. Tanto a fala de Deus quanto nossa escuta são condicionadas pela cultura. Esse fato claramente afeta nossa *interpretação* da Escritura. Contudo, teremos de perguntar se afeta também a *autoridade* da Escritura.

# O PROBLEMA HERMENÊUTICO

A hermenêutica bíblica, ou seja, a arte ou ciência de interpretar a Escritura, tornou-se uma grande preocupação dos estudiosos nas últimas décadas. Na verdade, todos os cristãos que leem a Bíblia se deparam com a questão de como entendê-la corretamente.

O problema surge das extremas particularidades culturais do texto antigo e do intérprete moderno. Cada um tem um "horizonte" diferente, uma perspectiva ou um ponto de vista limitados, e o que se faz necessário é o que Hans-Georg Gadamer chamou de "fusão" de horizontes. "A compreensão ocorre", escreve o doutor Tony Thiselton em seu clássico e abrangente estudo intitulado *The Two Horizons* [Os dois horizontes],[1] "quando dois conjuntos de horizontes são colocados em relação um com o outro, ou seja, o horizonte do texto e o do intérprete."[2]

Nesse processo, a primeira tarefa do intérprete foi chamada por Gadamer de "distanciamento". Isso significa que precisamos reconhecer "a identidade do passado", desligar-nos do texto e permitir sua própria integridade histórica. Não devemos nos intrometer nele nem decidir de modo precoce como ele se aplica a nós. A exegese cuidadosa do texto exige estudá-lo em seus próprios termos culturais e linguísticos.

Mas isso é apenas o começo. Se antes nos afastamos do texto, agora procuramos penetrar nele. "É preciso haver um envolvimento presente com o texto", escreve Thiselton, "bem como um distanciamento crítico dele."[3] Isso não é fácil, porque o intérprete também pertence a um contexto particular, que é diferente daquele do texto. É preciso um alto grau de imaginação, de empatia, se quisermos entrar nesse mundo estranho. "A exegese histórica é essencial, mas não é suficiente. Precisamos *tanto* de distanciamento *quanto* de abertura para o texto, os quais permitirão avanço no sentido da fusão de horizontes."[4]

Isso leva a uma interação ativa entre o texto e o intérprete. Por mais que nos esforcemos para nos distanciar do texto, dificilmente podemos deixar de trazer para ele nossas pressuposições e nossa própria agenda de problemas e questões. Pode ser que a Escritura responda a eles. Mas, uma vez que ela tem sua própria agenda, pode ser que não. Em vez disso, ela pode nos desafiar a ir embora e reformular nossas questões, e até mesmo substituí-las por outras melhores. Em seguida, voltamos com nossa nova agenda, e assim o diálogo entre nós continua. Isso faz parte daquilo que se chama "o círculo hermenêutico", embora alguns estudiosos europeus e latino-americanos prefiram a expressão "espiral hermenêutica", uma vez que o movimento é progressivo e ascendente.[5]

Durante a década de 1960, alguns estudiosos alemães, sobretudo Ernst Fuchs e Gerhard Ebeling, ex-alunos de Rudolf Bultmann, foram mais longe e desenvolveram uma "nova hermenêutica". Eles alegaram que a objetividade é impossível com base no fato de que não podemos deixar de lado nossa própria situação particular e entrar na de um autor bíblico. Em vez disso, enfatizaram a necessidade de deixarmos que o texto fale. De acordo com sua teoria da linguagem, o propósito do texto não é tanto transmitir "conceitos" como causar um "evento" (um "evento-linguagem"). Os papéis do texto e do intérprete são invertidos, e o intérprete ouve em vez de falar. Parece claro que esses pós-bultmannianos foram longe demais. Negando que o texto bíblico tenha um significado acessível e objetivo, eles caíram em uma subjetividade descontrolada. O que o texto dizia para eles poderia não ter relação alguma com o que ele realmente significava.

No entanto, há um valor permanente naquilo que esses estudiosos estão buscando. Eles levam a sério o abismo cultural entre o passado e o presente. Reconhecem a particularidade histórica independente tanto do texto como do intérprete e procuram desenvolver uma dialética entre eles. A velha hermenêutica colocava em nossas mãos um conjunto de regras universais de interpretação, que aplicávamos ao texto; a nova hermenêutica tem como preocupação permitir que o texto aplique sua mensagem a nós. A velha

hermenêutica concentrava-se no texto como *objeto* – nós nos debruçávamos sobre ele, estudávamos, pesquisávamos, aplicávamos nossas regras a ele e quase assumíamos o controle sobre ele. A nova hermenêutica, entretanto, concentra-se no texto como *sujeito*. O texto está acima de nós, e nós, com humildade, nos colocamos "sob ele", como diziam os reformadores. Ele se dirige a nós, nos confronta, nos desafia e nos transforma.

Aqui, então, está o perigo de uma nova polarização entre o "velho" e o "novo". Um fica perigosamente desequilibrado sem o outro. Pois o texto é tanto objeto como sujeito. Nós falamos a ele e ele fala a nós. Mas, à medida que esses dois processos se desenvolvem, devemos insistir em que o objeto e o sujeito são o mesmo texto e têm o mesmo significado.

Voltemos agora aos dois problemas culturais e consideremos cada um deles separadamente.

## NOSSO PRÓPRIO APRISIONAMENTO CULTURAL

Todo ser humano que já existiu foi uma criatura moldada pela cultura. "Cultura" é um termo conveniente com o qual se descreve a complexidade de crenças, valores, costumes e tradições que cada geração recebe da sua antecessora e transmite à sua sucessora, e que une uma sociedade. Todos bebemos nossa herança cultural juntamente com o leite de nossa mãe. O modo como pensamos, julgamos, agimos, falamos, nos vestimos, comemos, trabalhamos e nos divertimos é, em grande parte, determinado por nossa cultura, e normalmente não nos damos conta de quanto nossa formação cultural nos mantém escravizados.

Daí o grande valor das viagens, pois, assim, aprendemos a ouvir a nós mesmos pelos ouvidos de outra cultura e a enxergar a nós mesmos pelos olhos de outra cultura. Lembro-me muito bem da primeira vez em que estive nos Estados

Unidos. Depois da primeira palestra que dei em solo americano, uma mulher me disse: "Eu gosto do seu sotaque britânico". Sotaque? Eu? É claro que a mulher tinha um sotaque americano, mas, com certeza, eu falava o inglês da rainha. O modo como eu falava era normal; o dela é que era o desvio da norma. Então, não muito tempo depois, eu estava em Manila quando um garoto filipino, que devia ter uns oito anos, se aproximou de mim, inclinou a cabeça para um lado, olhou para meu rosto e comentou de forma atrevida: "Você fala engraçado!". Ele tinha razão. Eu também. Mas você também tem razão, assim como todo mundo.

Nossa cultura inclui não apenas os pontos de vista e os valores, padrões e costumes gerais de nossa sociedade, mas também aqueles que se aplicam ao sexo, idade e classe social de cada um de nós. Todos eles afetam a maneira como lemos a Bíblia. Por exemplo, como eu, sendo homem, posso ler a Escritura da mesma maneira que uma mulher que foi ferida pelo machismo? Ou como eu, sendo um idoso, posso ouvir da Escritura o que os jovens ouvem quando a leem? Ou ainda, como eu, sendo membro de uma sociedade rica, posso de fato ouvir o que a Escritura diz sobre os pobres?

Homens e mulheres, velhos e jovens, pretos e brancos, africanos e asiáticos, capitalistas e socialistas, assalariados e não assalariados, classe média e classe trabalhadora, todos leem as Escrituras de maneira diferente. Nossos óculos têm lentes culturais. É tão difícil, como quase impossível, para nós lermos a Bíblia com objetividade e abertura genuínas, assim como é difícil para Deus atravessar nossas defesas culturais e nos dizer o que ele quer dizer. Em vez disso, chegamos a nossa leitura da Bíblia com nossa própria agenda, nossos preconceitos, perguntas, preocupações, interesses e convicções, e, a menos que sejamos extremamente cuidadosos, acabamos impondo-os ao texto bíblico. Podemos orar com sinceridade antes de lermos estas palavras: "Abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei",[6] mas, ainda assim, a mesma falha de comunicação pode continuar. Pois até mesmo essa oração introdutória, embora seja extraída dos Salmos, é suspeita, pois pressupõe o tipo de mensagem que queremos ouvir.

"Por favor, Senhor, eu quero ver alguma 'maravilha' em tua Palavra." Mas ele

pode responder: "O que faz você pensar que só tenho 'maravilhas' para lhe mostrar? Na verdade, tenho algumas 'coisas perturbadoras' para lhe mostrar hoje. Você está preparado para recebê-las?".

"Ah, não, Senhor, por favor, não", gaguejamos em resposta. "Eu recorro às Escrituras apenas para ser consolado. De verdade, eu não quero ser desafiado nem perturbado."

Em outras palavras, recorremos à Bíblia com nossa agenda formulada somente por nós, nossas expectativas preestabelecidas, nossas ideias formadas, estabelecendo de antemão o que queremos que Deus nos diga. Então, em vez de ouvirmos o trovão de sua voz, tudo o que recebemos são os ecos reconfortantes de nosso próprio preconceito cultural. E Deus nos diz, tal como disse aos seus servos por meio de Isaías: "Ouçam, surdos; olhem, cegos, e vejam! Quem é cego senão o meu servo, e surdo senão o mensageiro que enviei?".[7]

Isso explica o triste registro acerca da infidelidade da Igreja. Raras vezes, em sua longa história, a Igreja esteve sensivelmente em sintonia com a Palavra de Deus. Na maioria das vezes, ela tem sido exatamente o que foi proibida de ser, ou seja, conformista.[8] Tem sido mais influenciada pelo mundo do que pela Palavra. Em vez de desafiar o *status quo* com os valores do reino de Deus, ela tem concordado com ele. Em vez de resistir às invasões do secularismo, ela tem se rendido a elas. Em vez de rejeitar o sistema de valores e o estilo de vida do mundo, ela os tem assimilado. A Igreja tem se acomodado à cultura predominante, saltando em todos os vagões da última moda e cantarolando todas as músicas populares em voga. Toda vez que faz isso, a Igreja lê a Escritura através dos olhos do mundo e racionaliza sua própria infidelidade.

Isso é injusto? Eu não acho. Vejamos alguns exemplos do passado. A história da Igreja está repleta de manchas culturais.

Eu me pergunto: como é que a consciência cristã não só aprovou como de fato também enalteceu aquelas terríveis cruzadas medievais como uma forma de missão que glorificaria a Cristo, de tal modo que cavaleiros cristãos europeus, com armaduras brilhantes, saíam em cavalgada a fim de recuperar à força os

lugares sagrados do Islã? Foi um terrível disparate que os muçulmanos nunca esqueceram nem, muito menos, perdoaram, e que continua impedindo a evangelização do mundo muçulmano, sobretudo no Oriente Médio. Ou como é que a tortura podia ser empregada em nome de Jesus Cristo para combater a heresia e impor a ortodoxia, de modo que instrumentos para tal eram usados contra algum pobre dissidente até que ele se rendesse? Isso quase poderia ser caracterizado como "evangelização pela tortura", e tudo em nome do Príncipe da Paz! Ou como é que, embora os franciscanos tenham organizado missões no terceiro século e os jesuítas, no século 16, as igrejas protestantes estavam tão empenhadas em olhar para dentro de si mesmas que praticamente só passaram a fazer missões na época dos pietistas, dois séculos após a Reforma? Mesmo assim, no final do século 18, quando William Carey propôs uma missão para a Índia, ele foi recebido com a condescendente resposta: "Sente-se, meu jovem; quando Deus quiser converter os pagãos, ele fará isso sem a sua ajuda ou a minha". Será que esse crítico nunca leu a Grande Comissão? Mais uma vez, como é que as degradações cruéis da escravidão e do tráfico de escravos só foram abolidas no Ocidente dito cristão mil e oitocentos anos depois de Cristo? Ou como é que o preconceito racial e a poluição ambiental se tornaram amplamente reconhecidos como os males que são somente depois da Segunda Guerra Mundial?

Essa é uma lista de algumas das piores manchas que têm arruinado o testemunho da Igreja ao longo dos séculos. Nenhuma delas pode ser defendida com base nas Escrituras, embora tenham sido feitas tentativas desonestas nesse sentido. Tudo isso se deve a uma leitura equivocada das Escrituras ou a uma falta de vontade de se submeter à sua autoridade. O povo de Deus se deixou cegar pela tradição. Ele tinha outras agendas. Não estava com vontade nem com disposição de dar ouvidos a Deus.

O que dizer, então, de nossa própria cegueira contemporânea? É comparativamente fácil criticar nossos antepassados pela cegueira deles; é muito mais difícil, porém, estar ciente da nossa. Para a posteridade, qual será a principal mancha do cristianismo de nossos dias? Não posso dizer com certeza, porque, é

claro, também tenho a mesma miopia. Mas suspeito que a resposta tenha relação com duas áreas principais.

Primeiro, nós cristãos que vivemos na afluência do Ocidente ainda não parecemos ter sentido suficientemente a injustiça da contínua desigualdade econômica Norte-Sul. À parte das questões macroeconômicas do comércio e desenvolvimento, nem parecemos ter permitido que a situação afetasse nosso estilo de vida. Enquanto cerca de 20 mil pessoas morrem por causa da pobreza a cada dia,[9] a voz de protesto dos cristãos não deveria ser mais alta e mais estridente? E não deveríamos continuar a simplificar nosso próprio estilo de vida econômico, não porque imaginamos que isso resolveria o problema, mas porque nos permitiria, pessoalmente, compartilhar mais e expressar de maneira apropriada nosso senso de solidariedade e compaixão para com os pobres?

Uma segunda mancha dos cristãos evangélicos me parece ser nosso comparativo fracasso em condenar como sendo imoral e indefensável todo armamento indiscriminado – tanto aqueles que são indiscriminados por natureza, como armas nucleares, biológicas e químicas, quanto o uso indiscriminado de armas convencionais. Certamente deveríamos denunciar isso como sendo incompatível com a teoria da "guerra justa" e, muito menos, com o pacifismo cristão. Foi em 1965 que a Igreja Católica Romana condenou essas armas como sendo "um crime contra Deus e contra o próprio homem". Seguiram-se pronunciamentos ecumênicos, declarando a guerra indiscriminada como sendo "cada vez mais ofensiva à consciência cristã". Mas a voz dos evangélicos, com notáveis exceções, permanece irresponsavelmente em silêncio.

O primeiro passo para a recuperação de nossa integridade cristã será o humilde reconhecimento de que nossa cultura nos cega, ensurdece e entorpece. Não vemos o que deveríamos ver na Escritura, nem ouvimos a Palavra de Deus como deveríamos, nem sentimos a ira de Deus contra o mal. Precisamos permitir que a Palavra de Deus nos confronte, perturbando nossa segurança, enfraquecendo nossa complacência, penetrando nossos protetores padrões de pensamento e de comportamento e destruindo nossa resistência.

Não é impossível para Deus fazer isso. Uma vez que percebermos como nossa cultura pode ser uma barreira resistente para a comunicação de Deus, estaremos atentos para o problema. Então, começaremos a clamar a ele para abrir nossos olhos, desentupir nossos ouvidos e golpear nossa consciência adormecida até que vejamos, ouçamos e sintamos o que (por meio de sua Palavra) Deus estava nos dizendo o tempo todo.

## O CONDICIONAMENTO CULTURAL DA BÍBLIA

Não são apenas os leitores da Bíblia que são produtos de uma determinada cultura; o mesmo aconteceu com os autores bíblicos. E Deus levou isso em consideração quando se comunicou com seu povo. Ou seja, quando falou, ele não usou sua própria língua (se é que ele tem uma), nem se expressou em termos de sua própria cultura celestial. Essa comunicação teria sido ininteligível para os seres humanos na terra. Tampouco Deus gritou, lá de um céu azul-claro, máximas isentas de cultura. Pelo contrário, ele se humilhou para se comunicar nas línguas de seu povo (hebraico clássico, aramaico e grego comum), e dentro das culturas do antigo Oriente Próximo (o Antigo Testamento), do judaísmo palestino (os Evangelhos) e do Império Romano helenizado (o resto do Novo Testamento). Nenhuma palavra de Deus foi proferida em um vazio cultural; cada palavra de Deus foi proferida em um contexto cultural.

É verdade que os contextos culturais em que a Bíblia foi escrita são muitas vezes estranhos para nós. Mas não devemos nos ressentir disso sob a alegação de que nos causa problemas. Devemos, em vez disso, nos alegrar na condescendência divina. Deus desceu ao nosso nível para se revelar em termos linguística e culturalmente apropriados. Essa verdade se aplica tanto à encarnação de seu Filho, que se fez carne, quanto à inspiração de sua Palavra, que foi falada em linguagem humana.

No entanto, nós também nos deparamos com esta questão: como uma revelação divina dada em termos culturais transitórios pode ter validade permanente? Como uma revelação dirigida a uma situação cultural em particular pode ter uma aplicação universal? O condicionamento cultural da Escritura não limita sua relevância para nós, e até mesmo sua autoridade sobre nós? Será que não devemos dizer, como David Edwards: "Eu admito que uma grande parte da Bíblia [...] é culturalmente condicionada e, portanto, desatualizada"?[10] Seria lógica sua dedução?

Minha resposta a David Edwards é que concordo que a Bíblia seja um livro culturalmente condicionado (como de fato são todos os livros que já foram escritos, incluindo os dele e os meus!), mas discordo de que, portanto, ela seja necessariamente desatualizada. Como, então, devemos lidar com o elemento cultural da Escritura?

O princípio, como eu o vejo, pode ser exposto por meio de uma ilustração cotidiana. Não é difícil para nós fazer a distinção entre uma pessoa e a roupa em particular que ela está usando. A maioria de nós tem várias peças de roupa em casa. Às vezes, nós nos vestimos com o máximo de elegância, para um casamento ou uma festa talvez, ou com trajes típicos de nosso país. Outras vezes, usamos roupas mais sóbrias, como quando vamos a um funeral. De vez em quando, usamos trajes estranhos, talvez quando vamos a uma festa à fantasia. Também temos nossas roupas de trabalho, nossas roupas esportivas e nossas roupas de dormir. Em outras palavras, há peças para todos os tipos de gosto em nosso guarda-roupa. Mas a pessoa que está por baixo das roupas ainda é a mesma. A roupa muda, mas a pessoa não.

Agora, assim como fazemos distinção entre as pessoas e suas roupas, também precisamos distinguir entre a essência da revelação de Deus (o que ele está ensinando, prometendo ou ordenando) e a roupagem cultural em que ela foi originalmente entregue. Por mais datado que seja o contexto cultural, a mensagem essencial tem validade permanente e universal. A aplicação cultural pode mudar, mas a revelação não.

Portanto, quando nos deparamos com uma passagem bíblica cujo ensinamento é obviamente revestido de uma roupagem cultural antiga (porque se refere a costumes sociais que são obsoletos ou, pelo menos, estranhos a nossa própria cultura), como devemos reagir? Temos três opções.

A primeira possibilidade é a *rejeição total*. "Uma vez que a cultura está desatualizada", poderíamos dizer a nós mesmos, "o ensino aqui é irrelevante. Não tem nada a me dizer. Posso muito bem pegar uma tesoura, cortar essa passagem da Bíblia e jogá-la fora." Não recomendo essa reação!

A segunda possibilidade, que é o oposto, é o *literalismo rígido e sem imaginação*. O literalista diz: "Uma vez que este texto é parte da Palavra de Deus, ele deve ser preservado e seguido exatamente como está, sem modificação alguma. Tanto a essência quanto sua expressão cultural têm a mesma autoridade. Descartar qualquer uma delas seria adulterar a Palavra de Deus e pecar por um liberalismo incipiente". Eu também não recomendo essa reação.

Existe uma terceira opção, mais sensata, que se chama *transposição cultural*. O procedimento agora é identificar a revelação essencial do texto (o que Deus está dizendo aqui), separá-la da forma cultural em que Deus escolheu dá-la e, em seguida, revesti-la de termos culturais modernos apropriados. "Transposição" é uma boa palavra para essa prática, uma vez que já estamos familiarizados com ela em contextos musicais. Transpor uma peça musical é colocá-la em um tom diferente daquele em que foi originalmente composta. Transpor um texto bíblico é colocá-lo em uma cultura diferente daquela em que foi originalmente dado. Na transposição musical, a melodia e a harmonização permanecem as mesmas; apenas o tom é diferente. Na transposição bíblica, a verdade da revelação permanece a mesma; apenas a expressão cultural é diferente.

Missionários transculturais ilustram a necessidade de transposição cultural, embora tenham de lutar com três culturas. Sua tarefa é pegar a essência do evangelho, que foi primeiro revelado em contextos culturais da Bíblia e que eles receberam em suas próprias culturas, e transpô-la para a cultura do povo para quem a anunciam. E eles precisam fazer isso sem deturpar a mensagem ou torná-

la ininteligível.[11] Isso, pelo menos, é a teoria. Na prática, os missionários muitas vezes levam consigo o que o dDoutor René Padilla, no Congresso de Lausanne em 1974, chamou de "cristianismo cultural". Em outras palavras, eles exportam junto com o evangelho sua própria herança cultural.

Lembro-me do choque que levei em minha primeira visita à África Ocidental e suas igrejas. Lá eu vi torres góticas erguendo-se de modo destoante acima dos coqueiros, e bispos africanos suando por todos os poros no calor tropical porque usavam túnicas eclesiásticas da Europa medieval. Ouvi hinos com melodias ocidentais sendo cantados com o acompanhamento de instrumentos ocidentais, e os africanos tentando se virar em um inglês usado há quinhentos anos! É claro que é fácil criticar, e, se estivéssemos na posição dos primeiros missionários, provavelmente teríamos cometido o mesmo erro. No entanto, essa imposição das formas culturais ocidentais foi um erro grave. O que é necessário, em vez disso, é o que Stanley Jones, na Índia, chamou de "naturalização" do evangelho,[12] o que significa sua transposição para formas culturais nativas.

Olhando mais uma vez para as três opções que temos diante de nós, talvez possamos dizer que:

- a "rejeição total" é como jogar fora o bebê junto com a água do banho;
- o "literalismo rígido" é como ficar com o bebê e também com a água do banho;
- a "transposição cultural" é como ficar com o bebê e trocar a água do banho.

## EXEMPLOS DE TRANSPOSIÇÃO CULTURAL

A Bíblia se preocupa tanto com a doutrina quanto com a ética, a fé e o comportamento, e em ambas as áreas a transposição cultural se faz necessária.

Consideremos primeiro o ensino doutrinário e teológico da Bíblia. Parece óbvio que devemos aprender a fazer a distinção entre a verdade que está sendo afirmada e os termos culturais em que ela é apresentada; entre o significado (a revelação) e o meio (sua comunicação). É nessa conexão que temos de enfrentar o desafio apresentado pelo estudioso alemão Rudolf Bultmann e seu programa de "desmitologização", que continua a moldar a maneira como muitas igrejas liberais leem a Bíblia. O raciocínio de Bultmann pode ser reduzido, sem muita distorção, a três pontos, relativos respectivamente aos autores bíblicos, aos seus leitores modernos e aos comunicadores teológicos. Primeiro, ele argumentou que o contexto intelectual dos escritores bíblicos era pré-científico e, portanto, "mítico". Por exemplo, eles imaginavam o céu acima e o inferno abaixo, em um universo de três andares, de modo que imaginavam Jesus literalmente "descendo ao inferno" e "subindo ao céu". Segundo, se apresentarmos hoje o evangelho (*kerygma*) expresso em termos dessa cosmologia obsoleta, os cientistas modernos irão rejeitá-lo como sendo, francamente, inacreditável. Terceiro, a tarefa dos teólogos é, portanto, remover os elementos míticos da Bíblia, ou "desmitologizar o *kerygma*" [querigma], pois o objetivo do mito não é falar de eventos históricos, mas da realidade transcendente.

Concordemos de imediato com o espírito do segundo ponto mencionado. Nossa preocupação prioritária é como comunicar o *kerygma* às pessoas de hoje de uma forma que seja confiável. Para isso, temos de proclamar a *verdade* bíblica, mas não necessariamente usar *termos* bíblicos. Podemos (e devemos) transpor a verdade revelada para um idioma moderno.

Com relação ao primeiro ponto de Bultmann, no entanto, não estou plenamente convencido de que os autores bíblicos foram tão literais quanto ele imagina. É verdade que eles usaram o imaginário do universo em três andares, pois fazia parte de seu contexto intelectual. Mas eles estavam de fato afirmando isso? Eu acho que não. Vejamos o Salmo 75. Ele diz que, quando a terra tremer, Deus "[manterá] firmes as suas colunas".[13] Portanto, vemos aqui a terra (o andar do meio) apoiada em colunas. Mas, no mesmo salmo, Deus ordena aos ímpios

que não levantem a sua "força" [ARA] [no hebraico: não levantem o chifre] ou ela será abatida,[14] e adverte que em sua mão há "um cálice cheio de vinho espumante e misturado" que ele em breve derramará para que os ímpios bebam.[15] Agora, ninguém (muito menos o salmista) acreditava literalmente que os ímpios têm chifres ou que Deus tem um cálice de vinho nas mãos. Se, portanto, esses são exemplos de dramáticas imagens poéticas, não seria gratuito insistir que as colunas da terra devam ser entendidas de forma literal?

Os escritores do Antigo Testamento afirmaram o controle soberano de Deus sobre o mundo, dizendo que ele mantinha firmes as colunas da terra, sem se comprometerem com uma cosmologia dos três andares. Eles afirmaram o poder de Deus sobre o mal, referindo-se à destruição do monstro primitivo, o Leviatã,[16] sem se comprometerem com o mito babilônico da criação. Afirmaram também a revelação geral de Deus por meio da natureza, dizendo que o sol atravessa o céu,[17] sem se comprometerem com um universo pré-copernicano. Essas formas de pensamento e discurso, quer sejam chamadas de "imaginário", "poesia" ou "mito", eram comuns no antigo Oriente Médio. Os escritores do Antigo Testamento usavam-nas para transmitir verdades sobre Deus como Criador e Senhor, sem que com isso afirmassem a verdade literal das imagens ou da mitologia que estavam usando.

Isso nos leva ao terceiro ponto de Bultmann. Deveríamos ser capazes de concordar com a necessidade, até certo ponto, de "desmitologizar", se o que se quer dizer com isso é a necessidade de transpor a verdade de um conjunto de imagens para outro, como acabamos de ver. Mas Bultmann vai muito além disso, sobretudo em relação ao Novo Testamento. Ele tenta reconstruir o *kerygma* (especialmente a morte, a ressurreição e o retorno de Jesus), dissolvendo esses eventos históricos em um "significado" que não é histórico. Assim, de acordo com Bultmann, quando diziam que "Cristo morreu pelos nossos pecados", os apóstolos não estavam se referindo a nenhum sacrifício literal de carregar os pecados, mas afirmando o amor de Deus e nossa própria experiência existencial de ser crucificados com Cristo. Quando diziam que "ele ressuscitou", eles não

estavam se referindo a um evento, mas a uma experiência, ou seja, que ele ressuscitou em sua própria fé renovada. E, quando diziam que ele virá mais uma vez para julgar, eles estavam se referindo não a um evento futuro, mas a um desafio presente para que seja tomada uma decisão responsável por Cristo hoje.

A questão fundamental, no entanto, é se as afirmações de que Cristo morreu, ressuscitou e voltará eram formas deliberadamente míticas de se referir a algo diferente de eventos históricos, ou se foram acontecimentos reais que eram, eles mesmos, parte do *kerygma* que estava sendo proclamado. A interpretação natural do *kerygma* apostólico é que os apóstolos pretendiam proclamar eventos na carreira de Jesus que eram verdadeiros em termos históricos e significativos em termos teológicos.

É, pois, legítimo fazer a distinção entre o significado e o meio, entre o que está sendo afirmado e como a afirmação é feita, entre a revelação da verdade e sua comunicação. Mas também é essencial perguntar se as palavras e imagens usadas são literais ou míticas. A derrota do Leviatã é um mito; a morte, a ressurreição e a vinda de Jesus pertencem à história. A intenção do autor normalmente nos ajudará a saber o que é o quê.

Passemos agora a três exemplos de transposição cultural no campo ético.

Começarei com o exemplo bem simples do lava-pés, para que possamos compreender bem o princípio e sua aplicação. Depois de lavar os pés dos Doze no cenáculo e reassumir seu lugar, Jesus disse: "Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei-lhes os pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros".[18] Na época de Jesus, lavar os pés era uma prática cultural comum. Se fôssemos convidados para uma refeição na casa de um amigo, teríamos de caminhar descalços ou com sandálias por ruas empoeiradas, e, quando chegássemos, um escravo lavaria nossos pés. Hoje, no entanto, pelo menos no Ocidente, toda a cultura mudou. Visitamos um amigo indo de carro ou de transporte público. Quando chegamos, certamente não há nenhum escravo para vir ao nosso encontro e lavar nossos pés. Como, então, devemos lidar com um texto em que se recomenda lavar os pés uns dos outros?

Consideremos três opções. Devemos seguir o caminho da rejeição total, alegando que lavar os pés uns dos outros não tem lugar em nossa cultura? Não. Devemos obedecer literalmente à ordem de Jesus e sair por aí pedindo às pessoas que tirem os sapatos e as meias para que possamos lavar seus pés? Não. Embora os menonitas e algumas igrejas africanas e asiáticas tenham um ritual do lava-pés como parte de seu culto de comunhão, parece claro que a referência de Jesus era a um costume social, não a uma cerimônia religiosa. Resta-nos, então, a terceira opção de transposição cultural. Perguntamos a que Jesus queria chegar, qual era a essência de sua instrução. A resposta não é difícil de encontrar. Ele estava ensinando que, se amamos uns aos outros, devemos servir uns aos outros, e nenhum serviço será sórdido, servil ou humilhante demais para nós. Se, então, não pudermos lavar os pés das pessoas, teremos prazer em engraxar seus sapatos, lavar a louça para elas ou mesmo limpar os banheiros. Nada ferirá nossa dignidade. Tudo o que é visto em nossa cultura como um trabalho desagradável ou de baixo nível será um privilégio para nós realizarmos por amor.

Um segundo exemplo da necessidade de transposição cultural diz respeito a comer carne oferecida a ídolos.[19] A questão era saber se era permitido aos seguidores de Jesus comer a carne de animais que, antes de ser colocada à venda em um açougue, havia sido oferecida em um sacrifício de idolatria. Os novos convertidos, que haviam acabado de ser resgatados da idolatria pagã, tinham problemas de consciência nesse sentido. Comer as carnes oferecidas aos ídolos não iria contaminá-los e comprometê-los? Paulo tinha certeza que não. Os ídolos não eram nada, dizia ele. Havia apenas um Deus, o Pai, e apenas um Senhor, Jesus Cristo.[20] Portanto, ele não via razão para não comer alimentos oferecidos a ídolos. Sua consciência era "forte", isto é, bem instruída. Mas, então, havia os cristãos "fracos" a serem considerados. A "fraqueza" deles não estava em sua vontade, mas em sua consciência, que era pouco instruída e, portanto, excessivamente escrupulosa. Se Paulo fosse comer carne oferecida a ídolos na presença deles, eles poderiam ser encorajados a seguir seu exemplo, indo contra o que julgavam ser correto e ficando, caso isso acontecesse, com a consciência

pesada. Consequentemente, por respeito aos cristãos fracos, Paulo se abstinha de comer essas carnes.

Essa inflamada controvérsia no Novo Testamento parece muito estranha ao nosso contexto, pelo menos no Ocidente. Não existem em nossa cultura templos pagãos onde animais são sacrificados aos ídolos, nem existem açougues onde poderíamos comprar comida que tenha sido usada em cultos idólatras. No entanto, pelo menos, permanecem dois princípios, que foram estabelecidos por Paulo e que são relevantes para os cristãos em todas as culturas hoje. O primeiro é que a consciência é sagrada. Na verdade, ela precisa ser educada. Mas, mesmo quando é fraca, ela não deve ser violada. A "objeção da consciência" não apenas em relação ao serviço militar, mas também em outras situações, é permitida naqueles países que tiveram uma influência cristã. Segundo, o amor limita a liberdade. Paulo tinha liberdade de consciência para comer, mas negou a si mesmo essa liberdade por amor e consideração àqueles que ficariam ofendidos se ele comesse. Esses dois princípios podem ser aplicados em diversos contextos culturais hoje.

Meu terceiro exemplo é o mais controverso. Diz respeito à posição e ao papel das mulheres. Livros inteiros têm sido escritos sobre esse assunto. Espero aqui apenas considerar até que ponto a transposição cultural pode ser adequada e útil nessa área. Estamos familiarizados com as proibições de Paulo no sentido de que não se deve permitir que a mulher "ensine, nem que tenha autoridade sobre um homem",[21] e também com suas ordens no sentido de que as mulheres devem usar véu e permanecer em silêncio no culto público.[22] A questão que esses textos levantam é esta: será que todas essas instruções têm validade permanente e universal? Ou elas contêm alguns elementos culturais que nos permitiriam um pouco de flexibilidade na interpretação e que podem precisar de transposição para nossa própria cultura? Minha resposta exige primeiro fazer duas afirmações e, em seguida, outras duas perguntas.

A primeira afirmação é que os sexos são iguais. Isso é ensinado em Gênesis 1.26-28. Homens e mulheres são, de igual modo, portadores da imagem divina e

participantes do domínio terreno. Além disso, se eles são iguais pela criação, são ainda mais iguais (se é que isso é possível) pela redenção. Pois em Jesus Cristo "não há [...] homem nem mulher".[23] Somos absolutamente iguais em valor, dignidade e relação com Deus. A segunda afirmação é que os sexos se complementam. Isso é ensinado em Gênesis 2.18-24. Igualdade não significa identidade. Nem implica necessariamente papéis que sejam completamente intercambiáveis. Além disso, dentro dessa complementaridade, Paulo afirmou o princípio de que o homem é "o cabeça". Ele deduziu isso a partir dos fatos da criação em Gênesis 2, ou seja, que a mulher foi feita depois do homem, a partir dele e para ele. É evidente que ele não via nenhum conflito entre isso e Gálatas 3.28. Eu mesmo não me sinto na liberdade de discordar do apóstolo Paulo nem de descartar seu ensino por considerá-lo rabínico, cultural ou equivocado. Pelo contrário, ele o fundamenta na criação, e o que a criação estabeleceu, nenhuma cultura pode destruir.

Das duas afirmações chego às duas perguntas. Primeiro, o que significa "ser cabeça"? Não acho que encontraremos a resposta na etimologia da palavra grega *kephalē*, "cabeça", nem em seu uso no grego secular, em que ela às vezes pode significar "fonte". O significado de uma palavra na Escritura é menos determinado por sua origem ou seu uso em algum outro lugar do que por seu uso no contexto bíblico. Diante disso, o texto de Efésios 5.21-32 vem em nosso auxílio, uma vez que Paulo usa "cabeça" para transmitir a ideia de responsabilidade, em vez de autoridade. Ele argumenta que o papel do marido como cabeça (e, portanto, talvez o homem como cabeça em geral) deve estar baseado tanto no papel de Cristo como cabeça da Igreja (o que o levou a entregar-se a si mesmo por ela) como em nossa relação com nosso próprio corpo (o que nos leva a alimentá-lo e a cuidar dele). Em ambos os casos, "ser cabeça" significa sacrifício e serviço. É a liderança do cuidado, não do controle. Seu propósito não é inibir, muito menos esmagar, mas facilitar. O marido deve criar condições de amor e segurança em que a mulher seja livre para ser ela mesma e desenvolver-se a si mesma.

Segundo, como se aplica o papel de ser "o cabeça"? Será que ele proíbe a ordenação ou outras formas de ministério? Em 1 Coríntios 11, Paulo exige que as mulheres usem véu no culto público e se refere ao véu como um símbolo de autoridade, o que ele era naquela época. E ainda é em algumas culturas, mas não no Ocidente. Usar chapéu na igreja é um bom exemplo de má transposição, pois os chapéus das mulheres ocidentais, em geral, simbolizam liberação em vez de submissão!

E quanto à exigência de silêncio? Eu acredito que os comentaristas não perceberam bem que Paulo traça um duplo contraste quando escreve: "A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio".[24] O primeiro contraste é entre autoridade e sujeição. Isso parece ser permanente por ser criacional. O segundo contraste é entre ensino e silêncio. É possível que, no primeiro século, o silêncio, assim como o véu, fosse um símbolo cultural de submissão à liderança masculina, o que não é necessariamente obrigatório hoje?

É certo que a situação mudou consideravelmente. Em muitas culturas hoje, as mulheres têm tanta instrução quanto os homens. E o ofício do ensino hoje, agora que o cânone do Novo Testamento foi encerrado, é muito menos dominado por homens. Então, supondo (eu me pergunto) que uma mulher fosse ensinar homens sob a autoridade da Escritura (não reivindicando uma autoridade própria), em um espírito de mansidão e humildade (não agindo com arrogância), e como membro de uma equipe pastoral cujo líder fosse um homem – essas três condições poderiam capacitá-la a ensinar a homens sem exercer sobre eles uma autoridade indevida e sem infringir o princípio da liderança masculina? Seria um exemplo legítimo de transposição cultural?

Minha resposta provisória às minhas próprias perguntas é esta: "Sim, acho que sim". Eu sei que para algumas pessoas isso pode não parecer nada além de uma teoria irrelevante, uma vez que em várias denominações e em muitas partes do mundo a ordenação de mulheres já é uma realidade. Mas, pelo menos, espero que esteja claro o que venho tentando fazer. Ou seja, identificar e preservar a

essência da revelação de Deus (neste caso, a relação criacional dos sexos), enquanto, ao mesmo tempo, procuro discernir símbolos culturais contemporâneos apropriados para expressá-la.

Concluo este capítulo um tanto longo com duas palavras de reafirmação sobre a prática da transposição cultural.

Primeiro, a transposição cultural é apropriada apenas quando o texto bíblico contém dois níveis de discurso: primeiro, o ensino doutrinário ou ético e, segundo, sua expressão cultural ou social; primeiro (por exemplo) o mandamento de amar e de servir uns aos outros e, segundo, o lava-pés. A transposição cultural é impossível quando há apenas um nível de discurso. Portanto, ela não pode ser usada para justificar a rejeição daquilo que a Escritura ensina, proíbe ou ordena.

Tomemos como exemplo a tentativa de justificar parceiros homossexuais declarando que as proibições bíblicas são culturalmente condicionadas. O raciocínio desenvolvido por alguns pensadores liberais segue esta linha: "Admitimos que algumas formas de comportamento homossexual foram proibidas por Moisés no Antigo Testamento e por Paulo no Novo. Mas eles estavam se referindo a práticas culturais em particular. Em Levítico, eles se referiam ao ritual da prostituição, que fazia parte da antiga religião da fertilidade dos cananeus, e, nas cartas de Paulo, ao comportamento sexual promíscuo, junto com a corrupção dos jovens. Eles não estavam se referindo a relacionamentos de ternura, amor e fidelidade entre dois homens adultos ou entre duas mulheres adultas. Além disso, Moisés e Paulo tinham uma compreensão muito limitada acerca da psicossexualidade humana. Sabemos muito mais do que eles. Então, uma vez que diziam respeito a tabus culturalmente específicos, as proibições bíblicas são irrelevantes para nós e não podem ser usadas para proibir uma parceria homossexual comprometida que equivale a um casamento heterossexual".

Mas esse é um raciocínio enganoso, que precisa ser firmemente rejeitado. A razão para as proibições bíblicas com relação à conduta homossexual não era

cultural, mas criacional. Elas surgiram da definição bíblica de casamento, que foi endossada pessoalmente por Jesus Cristo: "Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne".[25] Em outras palavras, o único tipo de casamento ou parceria sexual proposto pela Escritura é a monogamia heterossexual, que é também o único contexto dado por Deus para a experiência de tornar-se "uma só carne". Portanto, o que limita a relação sexual ao casamento heterossexual e a proíbe em todos os outros relacionamentos não é a cultura, mas a criação. Nenhuma tentativa de transposição cultural seria legítima aqui.

Segundo, transposição cultural não significa cair no abismo liberal. Ela não é uma maneira conveniente e respeitável de se esquivar de passagens complicadas da Escritura, declarando que elas são culturalmente relativas. Não é uma maneira sofisticada de rejeitar a autoridade bíblica. Não. Se optamos pela rejeição total, certamente não podemos obedecer à Palavra de Deus. Se, em vez disso, aceitamos a posição de um literalismo rígido, nossa obediência se torna artificial e mecânica. Somente quando transpomos o ensino da Escritura para uma roupagem cultural moderna é que nossa obediência se torna contemporânea. O propósito da transposição cultural não é a desobediência, mas a obediência significativa.



## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Pense em uma passagem da Escritura que você leu ou ouviu em uma pregação há pouco tempo. O que implicaria "distanciar-se" do texto para evitar a aplicação precoce? O que, então, implicaria "entrar" com empatia no texto em seu contexto original?

2. Quais foram suas experiências ao ver sua cultura de maneira nova, a partir da perspectiva de outra cultura?
3. Stott sugere que nossa cultura tem cegado muitos cristãos evangélicos do Ocidente para o desafio da fome global e do armamento indiscriminado. Você concorda? Quais você acha que poderiam ser nossas manchas culturais?
4. O que devemos fazer para evitar a leitura ou a aplicação equivocada da Bíblia uma vez que a lemos a partir da perspectiva de nossos pressupostos culturais?
5. Stott diz que há três respostas àquelas partes da Bíblia em que a verdade é expressa de maneiras culturalmente específicas: (1) rejeição total; (2) literalismo rígido e (3) a forma fiel de transposição cultural. Você consegue pensar em exemplos de situações em que algumas pessoas optaram pela rejeição total ou pelo literalismo rígido?
6. Veja Deuteronômio 22.8, Romanos 16.16, Gálatas 5.2 e Colossenses 3.22. Em cada caso, o que implicariam a rejeição total, o literalismo rígido e a transposição cultural?

CAPÍTULAR 4

# EXPONDO A PALAVRA

ESTE CAPÍTULO fala sobre pregação e, ao iniciá-lo, estou ciente da necessidade de apresentar três pontos preliminares.

O primeiro é pessoal. Há algo fundamentalmente anormal em um pregador ter a pretensão de pregar sobre o tema da pregação para outros pregadores. Afinal, o que eu sei que você não sabe? Todos nós temos pregado, lido e ouvido sermões *ad nauseam* [à exaustão]. Certamente não alego ter um *know-how* particular. Muitas vezes, ainda no púlpito, sou tomado por um sentimento de frustração no tocante à comunicação. Raras vezes, se é que houve alguma, desço do púlpito sem sentir a necessidade de confessar meu relativo fracasso e orar pedindo graça para fazer melhor na próxima vez. Assim, eu espero que isso nos coloque no mesmo nível. Todos estamos lutando neste ministério privilegiado, mas problemático.

O segundo ponto é social. Diz respeito à decepção, em geral, com a pregação. Ela é amplamente considerada um anacronismo, um meio de comunicação obsoleto, uma forma de arte morta, "uma relíquia sagrada, uma coisa estranha de pele enrugada e ossos secos, guardada em um relicário de lembranças carinhosas, ainda que incrustada com as joias da glória do passado".[1] Quem é que ainda deseja ouvir sermões? As pessoas estão dopadas pela televisão e pela Internet, hostis à autoridade, cansadas e desconfiadas das palavras. Quando o sermão começa, elas rapidamente se mostram impacientes, inquietas e entediadas. Não podemos presumir que elas desejam nos ouvir; temos de lutar para conseguir sua atenção.

Terceiro, e falando como pastor, devemos perseverar a despeito dos problemas já reconhecidos. Afinal, a saúde da Igreja depende disso. Se é verdade, como disse Jesus, endossando o texto de Deuteronômio, que "nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus",[2] isso se aplica, de igual modo, às igrejas. As igrejas vivem, crescem e prosperam por meio da Palavra de Deus; sem ela, as igrejas murcham e definham. O banco da igreja não pode ser superior ao púlpito. Na verdade, o banco normalmente é um reflexo do púlpito. Essa é a lição da história. "Não é verdade", questionou o doutor Martyn Lloyd-Jones, "que os períodos e eras decadentes na história da Igreja sempre foram aqueles em que a pregação decaiu?"[3] Tenho certeza de que ele estava certo. De fato, podemos ver isso ilustrado no mundo hoje. Embora nos alegremos com as estatísticas de crescimento da Igreja, temos de admitir, com vergonha, que muitas vezes é um crescimento sem profundidade. Existe superficialidade em todos os lugares. E estou convencido, pelo que tenho observado, de que o baixo nível de vida cristã se deve, mais do que qualquer outra coisa, ao baixo nível da pregação cristã. Sim, é o Espírito Santo que renova a Igreja, mas a espada do Espírito é a Palavra de Deus.[4] Parece-me que nada é mais importante para a vida e crescimento, saúde e profundidade da Igreja contemporânea do que o resgate da pregação séria da Bíblia.

Deixe-me desenvolver os argumentos em favor da pregação bíblica. Começo com uma definição direta com 25 palavras: "Pregar é expor o texto inspirado com tanta fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus é ouvida e o povo de Deus lhe obedece".

Essa definição de pregação contém seis implicações – duas convicções sobre o texto bíblico, duas obrigações em expô-lo e duas expectativas como resultado.

## DUAS CONVICÇÕES

A primeira convicção sobre o texto bíblico é que ele se trata de um texto inspirado. "Pregar é expor o texto inspirado." Uma visão sublime do texto bíblico – o reconhecimento de que ele é diferente de qualquer outro texto, único em sua origem, natureza e autoridade – é indispensável para uma pregação autêntica. Nada enfraquece mais a pregação do que o ceticismo acerca da Escritura. Sem desenvolver uma defesa muito extensa dessa declaração, espero que você me acompanhe na análise de três palavras que são indissociáveis em nossa doutrina da Escritura, a saber, "revelação", "inspiração" e "providência".

"Revelação" descreve a iniciativa que Deus tomou ao desvendar ou revelar a si mesmo. É uma palavra que conota humilhação. Pressupõe que, em sua perfeição infinita, Deus está totalmente fora do alcance de nossa mente finita. Nossa mente não pode penetrar a mente de Deus. Não temos a mínima capacidade de ler seus pensamentos. De fato, seus pensamentos são tão mais altos do que os nossos quanto os céus são mais altos do que a terra.[5] Consequentemente, não saberíamos nada sobre Deus se ele não tivesse escolhido se dar a conhecer. Sem essa revelação, não seríamos cristãos, mas atenienses, e em todos os altares do mundo estaria escrito "Ao Deus desconhecido".[6] Mas acreditamos que Deus se revelou não apenas na glória e na ordem do universo criado, mas, de modo absoluto, em Jesus Cristo, sua Palavra encarnada, e também na Palavra escrita, que dá um testemunho abrangente e variado dele.

"Inspiração" descreve o meio que Deus escolheu para se revelar, ou seja, falando com os autores bíblicos e por intermédio deles. Como já observamos, não foi um processo de ditado, o que os teria rebaixado ao papel de máquinas, mas um processo dinâmico, que os tratou como pessoas em posse ativa de suas faculdades mentais. Muitos dos autores bíblicos eram historiadores, e grande parte das Escrituras é história. Por isso, eles se envolveram em pesquisas e fizeram uso de diários, registros e arquivos. Eles também eram teólogos, cada um com uma ênfase doutrinária distinta, e escritores, cada um com seu gênero literário, estilo e vocabulário próprios. Esses fenômenos de pesquisa histórica, interesse teológico e composição literária não se tornaram incompatíveis com o

processo de inspiração nem o abafaram. Deus falou por meio deles de tal maneira que as palavras proferidas eram, simultânea e igualmente, suas e deles. Essa é a dupla autoria da Escritura sobre a qual refletimos no capítulo 1.

A terceira palavra é "providência". Trata-se da presciência e provisão amorosas de Deus pelas quais ele cuidou para que as palavras que ele havia dito

- fossem escritas de maneira que formassem o que chamamos de "Escritura";
- fossem preservadas ao longo dos séculos para estarem à disposição de todas as pessoas, em todos os lugares e em todos os tempos, para salvação e enriquecimento delas.

A Escritura é, portanto, "a palavra de Deus escrita",[7] sua autorrevelação falada e escrita, o produto de sua revelação, inspiração e providência. Essa primeira convicção é indispensável aos pregadores. Se Deus não tivesse falado, não ousaríamos falar, pois nada teríamos a dizer, exceto nossas próprias especulações que já estão surradas. Contudo, uma vez que Deus falou, nós também devemos falar, comunicando aos outros o que ele comunicou na Escritura. Na verdade, nós nos recusamos a permanecer em silêncio! Como disse Amós, "o Senhor, o Soberano, falou, quem não profetizará?",[8] ou passará adiante sua Palavra. Da mesma forma, Paulo escreveu, citando o Salmo 116: "Cri, por isso falei".[9] Em outras palavras, falamos porque cremos no que Deus falou.

Tenho pena do pregador que sobe ao púlpito sem a Bíblia nas mãos ou com uma Bíblia caindo aos pedaços que nem parece ser a Palavra de Deus. Ele não é capaz de expor a Escritura, porque não tem nenhuma Escritura para expor. Não pode falar, porque não tem nada que valha a pena dizer. Mas, quando subimos ao púlpito com a confiança de que Deus falou, de que ele fez com que fosse escrito o que falou e de que temos esse texto inspirado em nossas mãos – ah! aí nossa cabeça começa a fervilhar; nosso coração, a bater; nosso sangue, a fluir, e

nossos olhos, a brilhar com a glória absoluta de ter a Palavra de Deus em nossas mãos e em nossos lábios.

Nossa segunda convicção é a de que o texto inspirado é também um texto parcialmente oculto. Se pregar é "expor o texto inspirado", então ele deve estar parcialmente oculto; do contrário, não precisaria ser exposto. E acho que já posso ver sua irritação como protestante se enchendo de indignação. "O que você quer dizer", você me pergunta, "quando diz que a Escritura está parcialmente oculta? Você não acredita, como os reformadores do século 16, na 'perspicuidade' da Escritura (que ela possui uma característica de transparência ou 'clareza')? Será que mesmo as pessoas simples e sem instrução não conseguem entendê-la por si só? O Espírito Santo não é o mestre que Deus nos deu?" Sim, com certeza; obrigado por suas perguntas. Posso responder com um sonoro "sim" a todas elas. Mas o que você está dizendo, com razão, também precisa ser qualificado.

A insistência dos reformadores na perspicuidade da Escritura tinha a ver com sua mensagem central, ou seja, o evangelho da salvação pela fé no Cristo crucificado. Na Bíblia, isso é tão claro como o dia. Mas eles nunca afirmaram que tudo o que está nas Escrituras é igualmente claro. Como poderiam fazer isso uma vez que Pedro escreveu que algumas coisas nas cartas de Paulo são "difíceis de entender"?[10]

Se um apóstolo nem sempre entendeu bem outro apóstolo, dificilmente seria simples para nós afirmar que não encontramos problema algum! Por conseguinte, a Igreja precisa de "pastores e mestres" para expor ou revelar as Escrituras, e o Cristo que ascendeu ao céu ainda concede esses dons à sua Igreja.[11]

A história do eunuco etíope ilustra essa necessidade de mestres humanos. Enquanto ele estava sentado em sua carruagem lendo o texto de Isaías 53, Filipe lhe perguntou: "Osenhor entende oque está lendo?". Será que o etíope respondeu: "Ora, claro que sim. Você não acredita na perspicuidade da Escritura?"? Não, ele respondeu: "Como posso entender se alguém não me explicar?".[12] João Calvino comenta justamente a humildade do etíope e a

compara com a daqueles que, cheios de confiança em suas próprias capacidades, são orgulhosos demais para se submeterem ao ensino.

Aqui, então, está o argumento bíblico em favor da exposição bíblica. Ele consiste de duas convicções fundamentais, a saber, nas Escrituras, Deus nos deu um texto que é tanto inspirado (tendo uma origem e autoridade divinas) como, de certo modo, oculto (difícil de entender). Portanto, além do texto, ele dá à Igreja mestres para expor o texto, explicando-o e aplicando-o à vida das pessoas.

## DUAS OBRIGAÇÕES

Minha definição de pregação agora passa de duas convicções sobre o texto bíblico para duas obrigações ao expô-lo. "Pregar é expor o texto inspirado com [...] fidelidade e sensibilidade [...]". A principal razão pela qual o texto bíblico é parcialmente oculto e difícil de entender é que existe um grande e profundo abismo cultural entre o mundo antigo em que Deus falou sua Palavra e o mundo moderno em que a ouvimos. É esse abismo cultural, do qual nos ocupamos no último capítulo, que também determina a tarefa do expositor bíblico e estabelece nossas duas principais obrigações, ou seja, fidelidade à Palavra antiga e sensibilidade ao mundo moderno.

Primeiro vem o chamado à fidelidade. Temos de aceitar a disciplina da exegese. Precisamos nos imaginar na condição dos autores bíblicos, considerar sua história, geografia, cultura e linguagem. Essa tarefa há muito tem sido agraciada com o nome de "exegese histórico-gramatical". Negligenciar essa disciplina, ou realizá-la de maneira indiferente ou displicente, é indesculpável. Isso expressaria desprezo pela maneira como Deus escolheu falar. Com esse cuidado escrupuloso, consciente e meticuloso, nós mesmos deveríamos estudar e expor aos outros as próprias palavras do Deus vivo!

Além disso, o pior equívoco que podemos cometer é voltar nossos pensamentos do século 21 para a mente dos autores bíblicos (o que é "exegese"), manipular o que eles escreveram a fim de adaptá-lo ao que queremos que eles digam e, então, reivindicar que eles apoiem nossas opiniões.

João Calvino, séculos à frente de seu tempo, entendeu muito bem esse princípio. "A primeira coisa que um intérprete faz", escreveu ele, "é deixar o autor dizer o que ele está dizendo, em vez de atribuir-lhe o que achamos que ele deveria dizer."[13] Cerca de trezentos anos mais tarde, Charles Simeon de Cambridge expôs o mesmo princípio em uma carta ao seu editor: "Meu esforço é extrair da Escritura o que nela está, e não inserir nela o que eu acho que deveria estar".[14] Em nossos dias, precisamos urgentemente de integridade e de coragem para agir de acordo com esta regra básica: dar aos autores bíblicos a liberdade de dizer o que eles dizem, por mais retrógrado e impopular que seja seu ensino.

Segundo, a pregação bíblica exige sensibilidade para com o mundo moderno. Embora tenha falado ao mundo antigo utilizando as próprias línguas e culturas de tal mundo, Deus intenta que sua Palavra seja anunciada a todos. Isso significa que o expositor é mais do que um exegeta. O exegeta explica o significado original do texto; o expositor vai além e o aplica ao mundo contemporâneo. Temos, então, de nos esforçar para entender o mundo em rápida mudança no qual Deus nos chamou para viver. Devemos compreender os principais movimentos de pensamento que o têm moldado. Devemos ouvir suas muitas vozes discordantes, suas perguntas, seus protestos e seus gritos de dor. Devemos sentir uma parcela de sua desorientação e desespero. Pois tudo isso faz parte de nossa sensibilidade cristã.

Aqui estão as duas obrigações que o chamado à pregação impõe aos expositores bíblicos: fidelidade (à Palavra) e sensibilidade (ao mundo). Não devemos distorcer a Palavra para assegurar uma falsa relevância, nem ignorar o mundo para assegurar uma falsa fidelidade. Não devemos cumprir nenhuma das obrigações às custas da outra. É a combinação de fidelidade e sensibilidade que torna o pregador autêntico. E, uma vez que isso é difícil, também se torna raro. A

falha característica de pregadores conservadores é serem bíblicos, mas não contemporâneos. A falha característica de pregadores liberais é serem contemporâneos, mas não bíblicos. São poucos os pregadores que conseguem ser as duas coisas ao mesmo tempo.

Na prática, quando estudamos o texto sagrado, precisamos fazer-nos duas perguntas distintas, e fazê-las na ordem correta. A primeira é: "O que significou o texto?", e a segunda: "O que o texto diz?". Ao propormos essas duas perguntas, nossa preocupação começa com o significado original do texto, quando foi falado ou escrito pela primeira vez, e, em seguida, passa para sua mensagem contemporânea, como ela se dirige às pessoas hoje. Não devemos confundir estas duas perguntas, nem colocá-las na ordem errada, nem fazer uma delas sem também considerar a outra.

A primeira pergunta – "o que significou o texto?" – também poderia ser feita desta forma: "O que ele *realmente* significa?", uma vez que o significado real de um texto não muda. Ainda significa hoje o que significou quando foi escrito pela primeira vez. Em seu conhecido livro *Validity in Interpretation* [Validade na interpretação], o doutor E. D. Hirsch, ex-professor de inglês na Universidade da Virgínia, reafirma a "crença fundamentada de que um texto significa o que seu autor quis dizer".[15] Ele se queixa do "banimento do autor" dos textos legais, bíblicos e literários. O resultado é puro subjetivismo. Consequentemente, nos círculos jurídicos, "o significado de uma lei é aquilo que os juízes atuais entendem que seja"; na exegese bíblica de Bultmann, "o significado da Bíblia é uma nova revelação para cada geração que se sucede"; e, na teoria literária, um texto é "o que ele significa para nós hoje".[16] De fato, em alguns departamentos de literatura em universidades, afirma-se agora que "um texto é infinitamente interpretável", porque "significa" coisas diferentes para pessoas diferentes. Mas esse é um uso enganoso das palavras "significar" e "significado". O professor Hirsch insiste em dizer que é apenas o autor que determina o significado de um texto e que "banir o autor original como o fator determinante do significado" é "rejeitar o único princípio normativo convincente que poderia conferir validade

a uma interpretação".[17] Assim, o "significado" de um texto é o que seu autor quis dizer com ele e, portanto, é permanente, enquanto sua "significância" está no modo como ele atinge pessoas diferentes e se relaciona com contextos diferentes, e, portanto, é variável.[18] Há toda a diferença do mundo entre as afirmações "um texto significa o que ele significa para mim", de Bultmann, e "um texto significa o que seu autor quis dizer", de E. D. Hirsch.

Portanto, devemos buscar e encontrar o significado de um texto em suas próprias palavras, nas palavras do autor, e não nos pensamentos e sentimentos do leitor. Como afirmou o professor David Wells, "o significado não deve ser encontrado acima do texto, por trás dele, além dele ou no intérprete. O significado deve ser encontrado *no texto*. É a linguagem do texto que determina o significado que Deus intenta que tenhamos". Isso ocorre porque "palavras têm significados [...] Nenhuma linguagem permite que o significado flutue por aí livre das palavras usadas [...] Se as palavras e seu significado não forem reunidos na prática hermenêutica, só poderemos ter acesso à revelação em um sentido místico".[19]

A segunda pergunta que devemos fazer acerca do texto é: "O que ele diz?". Ou seja, uma vez que discernimos seu significado original (que é determinado por seu autor), precisamos em seguida refletir sobre sua mensagem contemporânea (como ela se aplica às pessoas hoje). É aqui que a sensibilidade espiritual entra em cena. Temos de desenvolver nossa familiaridade com o mundo moderno – seus pressupostos e preocupações, sua mentalidade e espírito, sua cultura volátil e padrões decadentes, seus valores, objetivos, dúvidas, medos, dores e esperanças, e não menos sua obsessão pelo eu, pelo amor e pela morte. Só então seremos capazes de discernir como a Palavra imutável fala a este mundo em transformação. Nada tem sido mais útil para mim nesse sentido do que o grupo de leitura de jovens profissionais que tem se reunido comigo em Londres, aproximadamente a cada seis semanas, durante os últimos vinte anos. Combinamos ao final de cada sessão um livro para ler ou um filme para assistir antes de nossa próxima reunião. Escolhemos principalmente livros e filmes que

expressem uma perspectiva não cristã. Então fazemos duas perguntas a nós mesmos:

1. Quais são as principais questões que isso levanta para os cristãos?
2. Como o evangelho se relaciona com as pessoas que pensam e vivem dessa forma?

Em outras palavras, aplicamos nossa segunda questão, "o que ele diz?", ao texto bíblico.

Se compreendemos o significado original de um texto, sem lidarmos com sua mensagem contemporânea, nós nos prestamos ao papel de antiquários, alheios às realidades presentes do mundo moderno. Se, por outro lado, começamos com a aplicação contemporânea da mensagem do texto, sem primeiro aceitarmos a disciplina de descobrir seu significado original, nós nos prestamos ao papel de existencialistas, alheios às realidades passadas da revelação. Em vez disso, devemos fazer as duas perguntas, primeiro, sendo fiéis no sentido de trabalhar no significado do texto e, em seguida, sendo sensíveis no sentido de discernir sua mensagem para hoje. Além disso, não há atalhos. Resta-nos apenas o trabalho árduo do estudo, que consiste em procurar familiarizar-nos tanto com as Escrituras em sua plenitude quanto com o mundo moderno em toda a sua diversidade.

É, de fato, outro caso da disciplina de "dupla escuta", à medida que ouvimos a Escritura com humildade e a modernidade de forma crítica, a fim de relacionarmos uma com a outra. Essa escuta é um requisito indispensável para a pregação.

O enviado especial do arcebispo da Cantuária, Terry Waite, negociou com sucesso a libertação de vários reféns no Oriente Médio. Por fim, ele mesmo foi levado cativo por um grupo libanês conhecido como Jihad Islâmico e mantido refém por cinco anos. Em 18 de novembro de 1991, o dia em que ele foi

finalmente libertado, pediram a uma das reféns cuja libertação ele havia negociado que fizesse um comentário. Jean Waddell, ex-missionária no Irã, respondeu: "Ele é um bom comunicador; ele ouve".

## DUAS EXPECTATIVAS

Após as duas convicções sobre a Escritura e as duas obrigações na exposição dela, seguem-se duas expectativas como consequência. Se de fato expusermos o texto inspirado com fidelidade e sensibilidade, o que podemos esperar que aconteça?

Primeiro, esperamos que a voz de Deus seja ouvida. Essa expectativa é fruto de nossa crença de que o Deus que falou no passado também fala no presente por meio daquilo que ele falou.

No entanto, essa expectativa – de que, por meio de sua antiga Palavra, Deus fale ao mundo moderno – está em uma situação muito difícil hoje. Como disse o doutor Langmead Casserley, um estudioso da Igreja Episcopal Norte-Americana, "nós inventamos uma maneira de ler a Palavra de Deus da qual nunca vem nenhuma palavra de Deus". Quando chega o momento do sermão, as pessoas juntam as mãos e fecham os olhos com uma bela demonstração de piedade, e depois se recostam no banco para tirarem o cochilo habitual. E o pregador encoraja essa atitude com sua voz e jeito enfadonhos.

Como é diferente quando o pregador e as pessoas esperam que Deus fale! Toda a situação se transforma e fica emocionante. As pessoas levam a Bíblia para a igreja e, quando a abrem, sentam-se na beira do banco, esperando, ansiosas, o que o Senhor Deus tem para lhes dizer. É uma reconstituição da cena ocorrida na casa do centurião Cornélio quando o apóstolo Pedro chegou. Cornélio disse-lhe: "Agora estamos todos aqui na presença de Deus, para ouvir tudo que o Senhor te mandou dizer-nos".[20] Por que uma congregação cristã não pode ter o mesmo grau de expectativa hoje?

O próprio pregador pode encorajar essa atitude. Ele deve se preparar com cuidado, de tal forma que fique claramente esperando que Deus lhe dê uma mensagem. Ele ora com fervor antes de sair de casa, e ora mais uma vez no púlpito antes de pregar, para que Deus fale com seu povo. Ele lê e expõe seu texto com grande seriedade de propósito, sentindo profundamente aquilo sobre o que está falando. Então, quando termina e ora de novo, há um silêncio e uma solenidade na presença do Deus que falou.

Nossa segunda expectativa é que o povo de Deus lhe obedeça. A Palavra de Deus sempre exige uma resposta de obediência. Não devemos ser ouvintes esquecidos, mas praticantes obedientes da Palavra de Deus.[21] Ao longo do Antigo Testamento, ouvimos o lamento divino: "Hoje, que vocês ouçam a minha voz!".[22] Deus continuou a enviar seus mensageiros ao seu povo: "Mas eles zombaram dos mensageiros de Deus, desprezaram as palavras dele e expuseram ao ridículo os seus profetas, até que a ira do Senhor se levantou contra o seu povo, e já não houve remédio".[23]

Como, então, as pessoas deveriam reagir? Que tipo de obediência é necessária? Nossa resposta é que a natureza da reação esperada é determinada pelo conteúdo da palavra exposta. O que *fazemos* em resposta à Palavra de Deus depende do que ele nos *diz* por meio dela. Consideremos alguns exemplos. Se, no texto exposto e por meio dele, Deus fala sobre si mesmo e sobre sua gloriosa grandeza, então respondemos humilhando-nos diante dele em adoração. Se, em vez disso, ele fala sobre nós, nossa desobediência, inconstância, rebelião e culpa, então respondemos com penitência e confissão. Se ele fala sobre Jesus Cristo, que morreu para levar nossos pecados e ressuscitou dentre os mortos para provar isso, respondemos com fé, apossando-nos desse Salvador enviado do céu. Se ele fala sobre suas promessas, decidimos herdá-las; se fala sobre seus mandamentos, decidimos obedecer-lhes. Se Deus nos fala sobre o mundo, e sobre a gigantesca necessidade espiritual e material desse mundo, então surge dentro de nós sua compaixão, tanto para pregar o evangelho quanto para servir aos necessitados. Se, por outro lado, Deus nos fala por meio de sua Palavra sobre a futura vinda de

Cristo e a glória por vir, então nossa esperança se acende e decidimos ser santos e viver ocupados até que ele venha.

O pregador que penetrou profundamente em seu texto, que separou e desenvolveu seu tema predominante e que foi, ele mesmo, movido por sua mensagem irá enfatizá-lo em sua conclusão e dar às pessoas a oportunidade de responder a ele, muitas vezes em oração silenciosa, à medida que cada pessoa é conduzida pelo Espírito Santo a uma obediência apropriada. É esta, então, a definição de pregação que lhes ofereço. Ela contém duas convicções (o texto bíblico é um texto inspirado, que, não obstante, precisa ser desvendado), duas obrigações (devemos expô-lo com fidelidade ao próprio texto e com sensibilidade ao contexto moderno) e duas expectativas (por meio da exposição e da aplicação da Palavra escrita, o próprio Deus falará e seu povo ouvirá sua voz e responderá a ele com obediência).

É um enorme privilégio ser um expositor bíblico – subir ao púlpito com a Palavra de Deus em nossas mãos e em nossa mente, com o Espírito de Deus em nosso coração e com o povo de Deus diante de nossos olhos, esperando ansiosamente que a voz de Deus seja ouvida e obedecida.



## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. O que torna a pregação (e o ato de ouvir a pregação) difícil em nossos dias? O que a torna vital?
2. Como você definiria pregação? Como sua definição corresponde à definição dada por Stott ou dela difere?
3. O que acontece se não tivermos as duas convicções de Stott: (1) a de que a Escritura é inspirada (tendo uma origem e autoridade divinas) e (2) a de que a

Escritura está, de certo modo, oculta (difícil de entender)? Você já viu isso acontecer?

4. Stott afirma que devemos perguntar acerca do texto da Escritura: "O que ele significa?" e "O que ele diz?", nesta ordem. O que acontece se fizermos uma pergunta sem considerar a outra? O que acontece se as fizermos na ordem errada? Você consegue pensar em exemplos dessas falhas?
5. Em que sentidos você está envolvido na "dupla escuta" para a qual Stott nos convida? O que mais você poderia fazer?
6. Stott diz que devemos esperar que a voz de Deus seja ouvida quando a Palavra dele é pregada. Como podemos fomentar essa expectativa em nosso próprio coração? E na vida de nossa igreja?

CONCLUSÃO

# O AGORA E O AINDA NÃO

EU COMECEI na introdução com a tensão entre o "antes" (passado) e o "agora" (presente). E termino com outra tensão, entre o "agora" (presente) e o "ainda não" (futuro). Estas duas tensões estão juntas. Pois é em e por meio de Jesus Cristo que o passado, o presente e o futuro são trazidos para um relacionamento criativo. Os cristãos vivem no presente, mas o fazem em gratidão pelo passado e em antecipação ao futuro.

Ao concluir este livro, quero me focar no cristianismo bíblico equilibrado. O equilíbrio é um bem raro hoje em dia em quase todas as esferas, e não é diferente entre nós que buscamos seguir a Cristo.

Uma das características do diabo é que ele é um fanático e inimigo de todo senso comum, moderação e equilíbrio. Um de seus passatempos favoritos é desviar o equilíbrio dos cristãos. Se ele não pode nos levar a negar Cristo, ele nos fará distorcer Cristo. Como resultado, o cristianismo desequilibrado é generalizado, no qual enfatizamos demais um aspecto de uma verdade, ao mesmo tempo em que enfatizamos pouco outro aspecto.

Uma compreensão equilibrada da tensão entre o agora e ainda não seria muito benéfica para a unidade dos cristãos e especialmente para uma maior harmonia entre os cristãos evangélicos. Podemos concordar com os fundamentos doutrinários e éticos da fé. No entanto, parecemos constitucionalmente propensos a brigas e divisões, ou simplesmente a seguir nosso próprio caminho e construir nossos próprios impérios.

# REINO VINDO E VINDOURO

É fundamental para o cristianismo do Novo Testamento a perspectiva de que estamos vivendo entre os tempos – entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, entre o reino que veio e o reino que virá.

A base teológica para essa tensão pode ser encontrada no próprio ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus. Todo mundo aceita que o reino teve grande destaque no ensino de Jesus e também que ele anunciou a vinda desse reino. No entanto, os estudiosos têm discordado sobre o tempo de sua chegada. Será que o reino já veio, pois Jesus o trouxe com ele? Ou o reino ainda virá no futuro, e temos de esperá-lo com expectativa? Ou será que a verdade está entre essas posições?

Albert Schweitzer é um exemplo de um estudioso que pensou que, de acordo com Jesus, o reino estava inteiramente no futuro. Como um profeta apocalíptico, Jesus ensinou (equivocadamente) que Deus estava prestes a intervir sobrenaturalmente e estabelecer o seu reino. As exigências radicais que ele fez aos seus discípulos foram uma "ética interina" à luz da chegada iminente do reino. A posição de Schweitzer é conhecida como escatologia "completa" ou "consistente".

No extremo oposto estava C. H. Dodd, com sua crença de que a vinda do reino estava totalmente no passado (posição conhecida como escatologia "realizada"). Ele colocou uma forte ênfase em dois versículos cujos verbos no grego estão no tempo perfeito, ou seja, "O reino de Deus está próximo"[1] e "chegou a vocês o reino de Deus".[2] Dodd concluiu que não há uma vinda futura do reino e que as passagens que falam disso não faziam parte do próprio ensinamento de Jesus.

No lugar dessas polaridades extremas, a maioria dos estudiosos tomou uma posição intermediária – que Jesus falou do reino como uma realidade presente e uma expectativa futura.

Jesus ensinou claramente que o tempo do cumprimento havia chegado;[3] que o "homem forte" estava agora amarrado e desarmado, permitindo a pilhagem de seus bens, como ficou evidente em seus exorcismos;[4] que o reino já estava "dentro de" ou "entre" as pessoas;[5] e que agora era possível "receber" ou "entrar" nele.[6]

No entanto, o reino também era uma expectativa futura. Não seria aperfeiçoado até o último dia. Então ele olhou para a frente até o fim e ensinou seus discípulos a fazê-lo também. Eles oravam: "Venha o teu reino"[7] e "busquem em primeiro lugar",[8] dando prioridade à sua expansão. Às vezes, ele se referia também ao estado final de seus seguidores em termos de "entrar" no reino[9] ou "receber" o reino.[10]

Uma maneira pela qual a Bíblia expressa a tensão entre o "agora" e o "ainda não" está na terminologia das duas "eras". Do ponto de vista do Antigo Testamento, a história é dividida entre "esta presente era" e "os últimos dias", ou seja, o reino da justiça a ser introduzido pelo Messias.[11] Essa estrutura simples de duas eras consecutivas, no entanto, foi decisivamente alterada pela vinda de Jesus. Pois ele trouxe a nova era e morreu por nós, a fim de nos livrar "desta presente era perversa".[12] Como resultado, o Pai já "nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado".[13] Até fomos ressuscitados da morte e assentados com Cristo no reino celestial.[14]

Ao mesmo tempo, a velha era persiste. Logo, as duas eras se sobrepõem. "As trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz." Um dia a velha era será terminada (o que será "o fim desta era"),[15] e a nova era, que foi introduzida com a primeira vinda de Cristo, será realizada na segunda. Enquanto isso, as duas eras continuam, e estamos presos nessa tensão entre elas. Somos convocados a "não nos amoldar ao padrão deste mundo", mas sim a nos transformar de acordo com a vontade de Deus e a viver coerentemente como filhos da luz.[16]

No entanto, a tensão permanece: já *fomos* salvos, mas um dia também *seremos* salvos.[17] E já somos filhos adotivos de Deus, mas também estamos esperando nossa adoção.[18] O cristão "já passou da morte para a vida", mas a vida eterna

ainda será recebida no futuro.[19] Cristo já está reinando, embora seus inimigos ainda não se tenham tornado o estrado de seus pés.[20]

Vivendo entre o presente e o futuro, a postura característica dos cristãos é descrita de formas variadas como ter esperança,[21] esperar,[22] aguardar com expectativa[23] e gemer,[24] enquanto esperamos tanto "ansiosamente"[25] como "pacientemente".[26]

A essência do período interino entre o "agora" e o "ainda não" é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, o dom do Espírito é a bênção distintiva do reino de Deus e o principal sinal de que a nova era começou.[27] Por outro, porque a habitação do Espírito é apenas o início da herança do nosso reino, é também a garantia de que o resto um dia será nosso. O Novo Testamento usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é visto como "os primeiros frutos", garantindo que virá a colheita completa,[28] a "garantia" ou a primeira parcela, sinalizando que o pagamento integral será feito,[29] e a degustação, prometendo que a festa completa um dia será desfrutada.[30]

Aqui estão alguns exemplos da tensão entre o "agora" e o "ainda não".

## REVELAÇÃO, SANTIDADE E CURA

O primeiro exemplo está na *esfera intelectual*, ou na questão da *revelação*.

Afirmamos com alegre confiança que Deus se revelou aos homens, não só no universo criado, na nossa razão e na nossa consciência, mas também supremamente no seu Filho Jesus Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito dele. Ousamos dizer que conhecemos a Deus, porque ele mesmo tomou a iniciativa de remover o véu, que de outra forma o esconderia de nós. Alegramo-nos muito porque a sua Palavra lança luz sobre o nosso caminho.[31]

Mas ainda não conhecemos a Deus como ele nos conhece. Nosso conhecimento é parcial porque sua revelação foi parcial. Ele revelou tudo o que

pretende revelar e que considera ser para o nosso bem, mas não tudo o que há para revelar. Ainda restam muitos mistérios e, por isso, vivemos pela fé, não pela vista.[32]

Devemos tomar a nossa posição ao lado daqueles autores bíblicos que, embora soubessem ser agentes da revelação divina, confessaram humildemente que o seu conhecimento permaneceu limitado. Mesmo Moisés, "a quem o Senhor conheceu face a face", reconheceu: "Ó Soberano Senhor, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua mão poderosa!".[33] Então pense no apóstolo Paulo, que comparou seu conhecimento tanto aos pensamentos imaturos de uma criança quanto aos reflexos distorcidos de um espelho.[34]

Assim, então, embora seja certo gloriar-se na doação e na finalidade da revelação de Deus, também é certo confessar a nossa ignorância a respeito de muitas coisas. Nós sabemos e não sabemos. "As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei."[35] É muito importante manter esta distinção. Falando de modo pessoal, gostaria de ver mais ousadia na nossa proclamação daquilo que foi revelado e mais reserva sobre o que foi mantido em segredo. A concordância na verdade claramente revelada é necessária para a unidade, mesmo quando damos liberdade uns aos outros em assuntos secundários. E a maneira de reconhecê-los é quando os cristãos que estão igualmente ansiosos para ser submissos às Escrituras, no entanto, chegam a conclusões diferentes sobre eles. Estou pensando, por exemplo, nas controvérsias sobre o batismo, governo da igreja, liturgia e cerimônias, dons espirituais e cumprimento das profecias.

A segunda tensão está na *esfera moral*, ou na questão da *santidade*.

Deus já colocou o seu Espírito Santo dentro de nós, a fim de nos tornar santos.[36] O Espírito Santo está ativamente trabalhando dentro de nós, subjugando nossa natureza humana caída e egoísta e fazendo com que seu fruto amadureça em nosso caráter.[37] Já, podemos afirmar que ele está nos transformando à imagem de Cristo.[38]

Mas nossa natureza caída não foi erradicada, pois "a carne deseja o que é contrário ao Espírito",[39] de modo que, "se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos".[40] Ainda não vivemos completamente de acordo com a perfeita vontade de Deus, porque ainda não amamos a Deus com todo o nosso ser, nem ao nosso próximo como a nós mesmos. Como Paulo colocou, ainda não somos perfeitos, mas continuamos em direção a esse objetivo, confiantes de que "aquele que começou boa obra em [nós], vai completá-la até o dia de Cristo Jesus".[41]

Sendo assim, estamos presos em uma tensão dolorosa entre o "agora" e o "ainda não", entre o desânimo por causa das nossas falhas contínuas e a promessa de liberdade final. Por um lado, devemos seguir com a maior seriedade a ordem de Deus: "Sejam santos porque eu [...] sou santo";[42] e também a instrução de Jesus: "Vá e não peque mais".[43] Por outro lado, temos de reconhecer a realidade do pecado em nós convivendo com a realidade do Espírito em nós.[44] A perfeição sem pecado pela qual ansiamos continua nos iludindo.

A terceira tensão entre o "já" e o "ainda não" está na *esfera física*, ou na questão da *cura*.

Afirmamos que o reino de Deus, há muito prometido, entrou na história com Jesus Cristo, que não se contentou apenas em proclamar o reino, mas continuou a demonstrar a sua chegada pelas coisas extraordinárias que fez. Seu poder era especialmente evidente no corpo humano: ele curou os doentes, expulsou os demônios e ressuscitou os mortos.

Ele também deu autoridade aos Doze e aos Setenta para ampliar sua missão em Israel e para realizar milagres. Quanto mais ele pretendia ampliar sua autoridade é um assunto em discussão. De um modo geral, os milagres e os sinais eram "as marcas de um apóstolo" verdadeiro.[45] No entanto, seria insensato tentar limitar ou domesticar Deus. Devemos permitir que ele use sua liberdade e sua soberania, estando inteiramente abertos à possibilidade de milagres físicos hoje.

Mas o reino de Deus ainda não chegou em toda a sua plenitude. Pois "o reino

do mundo" ainda não "se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo", quando "ele reinará para todo o sempre".[46] Em particular, nosso corpo ainda não foi redimido, e a natureza ainda não foi inteiramente submetida ao governo de Cristo.

Então nós temos de reconhecer a tensão entre o "já" e o "ainda não" também nessa esfera. Para ter certeza, nós experimentamos "os poderes da era que há de vir",[47] mas até agora isso continua sendo apenas um gostinho. Parte da nossa experiência cristã é que a vida de ressurreição de Jesus é "revelada em nosso corpo".[48] Ao mesmo tempo, nosso corpo permanece frágil e mortal. Reivindicar uma saúde perfeita agora seria antecipar nossa ressurreição. A ressurreição corporal de Jesus foi o penhor, e de fato o começo, da nova criação de Deus. Mas Deus ainda não pronunciou a palavra decisiva: "Estou fazendo novas todas as coisas".[49] Aqueles que descartam a própria possibilidade de milagres hoje se esquecem do "já" do reino, enquanto aqueles que os esperam como o que tem sido chamado de "vida cristã normal" esquecem que o reino "ainda não" é.

## IGREJA E SOCIEDADE

Em quarto lugar, a mesma tensão é experimentada na *esfera eclesiástica*, ou a questão da *disciplina da igreja*.

Jesus, o Messias, reúne à sua volta um povo que lhe pertence, uma comunidade caracterizada pela verdade, pelo amor e pela santidade para a qual foi chamada. Mas Cristo ainda não apresentou sua noiva a si mesmo "como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável".[50] Pelo contrário, a vida e o testemunho atuais da Igreja são marcados pelo erro, pela discórdia e pelo pecado.

Então, sempre que pensamos na Igreja, precisamos manter juntos o ideal e a realidade. A Igreja está comprometida com a verdade e propensa ao erro, unida e

dividida, pura e impura. Não significa que temos de aceitar suas falhas. Devemos acalentar a visão tanto da pureza doutrinária e ética quanto da unidade visível da Igreja. Somos chamados a combater "o bom combate da fé",[51] e a fazer "todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz".[52] E, na busca destas coisas, há lugar para disciplina em casos de heresia ou pecado grave.

Mesmo assim, o erro e o mal não vão ser erradicados completamente da Igreja neste mundo. Eles continuarão a coexistir com a verdade e a bondade. "Deixem que cresçam juntos até a colheita", disse Jesus na parábola do trigo e do joio.[53] Nem a Bíblia nem a história da Igreja justificam o uso de severas medidas disciplinares na tentativa de garantir uma Igreja perfeitamente pura neste mundo.

A quinta área de tensão entre o "agora" e o "antes", o "já" e o "ainda não", é a *esfera social*, ou a questão do *progresso*.

Afirmamos que Deus está trabalhando na sociedade humana. Isto, em parte, se deve à sua "graça comum", ao dar ao mundo as bênçãos da família e do governo, pelos quais o mal é contido e os relacionamentos são ordenados. E é também por meio dos membros da sua comunidade redimida, que penetram na sociedade como sal e luz, fazendo a diferença ao impedir a decadência e dissipar as trevas.

Mas Deus ainda não criou os prometidos "novos céus e nova terra, onde habita a justiça".[54] Ainda existem "guerras e rumores de guerras".[55] As espadas ainda não foram forjadas em arados, nem as lanças em foices.[56] As nações ainda não renunciaram à guerra como um método para resolver suas disputas. O egoísmo, a crueldade e o medo continuam.

Portanto, embora seja correto fazer campanha pela justiça social e ter expectativas de que a sociedade melhore, sabemos que nunca poderemos torná-la perfeita. Embora conheçamos o poder transformador do evangelho e os efeitos benéficos do sal e da luz dos cristãos, também sabemos que o mal está enraizado na natureza humana e na sociedade humana. Somente Cristo em sua segunda vinda erradicará o mal e entronizará a justiça para sempre.

Aqui, então, estão cinco áreas (intelectual, moral, física, eclesiástica e social)

nas quais é vital preservar a tensão entre o "já" e o "ainda não".

## TRÊS TIPOS DE CRISTÃO

Existem três tipos distintos de cristãos, de acordo com a extensão em que eles conseguem manter este equilíbrio bíblico.

Em primeiro lugar, há os *"cristãos já"*, que enfatizam o que Deus já nos deu em Cristo. Mas eles dão a impressão de que, em consequência, não há mais mistérios, não há pecados que não possam ser vencidos, não há doenças que não possam ser curadas nem males que não possam ser erradicados. Em suma, eles parecem acreditar que a perfeição pode ser alcançada agora.

Seus motivos são irrepreensíveis. Eles querem glorificar a Cristo – então eles se recusam a estabelecer limites para o que ele é capaz de fazer. Mas seu otimismo pode facilmente degenerar em presunção e acabar em desilusão. Eles se esquecem do "ainda não" do Novo Testamento e de que a perfeição aguarda a segunda vinda de Cristo.

Em segundo lugar, há os *cristãos "ainda* não", que enfatizam a incompletude da obra de Cristo para o momento e aguardam ansiosamente o momento em que ele vai completar o que começou. Mas eles parecem estar preocupados com a nossa ignorância e fracasso humanos, o reinado penetrante de doença e da morte e a impossibilidade de garantir uma igreja pura ou uma sociedade perfeita.

Seu motivo também é excelente. Se os "cristãos já" querem glorificar a Cristo, os "cristãos ainda não" querem humilhar os pecadores. Eles estão determinados a ser fiéis à Bíblia para enfatizar nossa depravação humana. Mas seu pessimismo pode facilmente degenerar em complacência; ele também pode levar à aceitação do *status quo* e à apatia diante do mal. Eles se esquecem do que Cristo "já" fez por sua morte, ressurreição e envio do Espírito – e do que ele pode fazer em nossa vida e, como resultado, na Igreja e na sociedade.

Em terceiro lugar, existem os *"cristãos já/ainda não"*. Eles querem dar igual peso às duas vindas de Jesus. Por um lado, eles têm muita confiança no "já", no que Deus disse e fez por meio de Cristo. Por outro lado, eles exibem uma humildade genuína diante do "ainda não", humildade para confessar que o mundo vai permanecer caído e meio salvo até que Cristo aperfeiçoe em sua segunda vinda aquilo que ele começou na primeira vinda.

É essa combinação do "já" e do "ainda não" que caracteriza o evangelicalismo bíblico autêntico e que exemplifica o equilíbrio que é tão urgentemente necessário hoje.

Nossa posição como "cristãos contemporâneos" repousa com segurança sobre a pessoa de Jesus, cuja morte e ressurreição pertencem ao "já" do passado, e cuja gloriosa segunda vinda pertence ao "ainda não" do futuro. Como aclamamos em fé e triunfo:

Cristo morreu!
Cristo ressuscitou!
Cristo virá novamente!

# NOTAS

## PREFÁCIO

1. Apocalipse 1.8.↩
2. Hebreus 13.8↩

## INTRODUÇÃO DA SÉRIE

1. Salmos 119.105; cf. 2 Pedro 1.19.↩
2. Bonhoeffer, Dietrich. Letters and Papers from Prison [Cartas e papéis da prisão]. SCM Press, 1971. p. 279.↩
3. Mateus 11.19.↩
4. Veja Pelikan, Jaroslav. Jesus Through the Centuries [Jesus através dos séculos]. Yale University Press, 1985. p. 182-193.↩
5. 2 Coríntios 11.4.↩
6. 2 Timóteo 1.15; cf. 4.11, 16.↩
7. Atos 26.25.↩
8. Ezequiel 2.6-7.↩

## INTRODUÇÃO

1. Salmos 19.10↩

# CAPÍTULO 1

1. 2 Tessalonicenses 2.15.↩
2. Hebreus 2.1.↩
3. 1 João 2.24.↩
4. 2 João 9.↩
5. Por exemplo, 1 Timóteo 6.20; 2 Timóteo 1.14.↩
6. Cf. Marcos 1.15; 1 Coríntios 10.11.↩
7. Por exemplo, Mateus 6.1-18.↩
8. Lewis, C. S. Surprised by Joy. Geoffrey Bles, 1955. p. 63. [Surpreendido pela alegria. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.]↩
9. Bloom, Allan. The Closing of the American Mind [O fechamento da mente norte-americana]. Simon & Schuster, 1987. p. 41.↩
10. Cf. João 5.39; 20.31.↩
11. Allmen, J. J. von. Preaching and Congregation [Pregação e congregação]. Lutterworth, 1962. p. 24.↩
12. Por exemplo, Isaías 1.20 (ARC).↩
13. Por exemplo, Atos 3.18, 21 (ARC).↩
14. Hebreus 1.1.↩
15. 2 Pedro 1.21.↩
16. Packer, J. I. "Fundamentalism" and the Word of God ["Fundamentalismo" e a Palavra de Deus]. IVP, 1958. p. 81-82.↩
17. Cf. 2 Timóteo 2.7.↩
18. Filemom 9.↩
19. Salmos 90.10.↩

# CAPÍTULO 2

1. Atos 17.23.↩
2. Marcos 12.30.↩
3. João 4.24.↩
4. Salmos 105.3.↩
5. Lucas 8.25; Marcos 11.22.↩
6. João 14.15.↩
7. João 14.21.↩
8. Hebreus 10.23.↩
9. Marcos 13.26; 14.62.↩
10. 2 Pedro 3.13.↩
11. Mateus 11.28-30.↩
12. 2 Coríntios 10.5.↩
13. Lucas 10.16.↩
14. João 17.20-23.↩
15. Efésios 4.3.↩
16. Op. Calv. XIV, p. 312-314, citado em Jean Cadier, The Man God Mastered [O homem que Deus dominou]. ET IVF, 1960. p. 172-173.↩
17. Efésios 2.20.↩
18. Por exemplo, Marcos 7.5-13.↩
19. Read, David H. C. Go and Make Disciples. Abingdon, 1978. p. 94-95.↩

## CAPÍTULO 3

1. Thiselton, Anthony C. The Two Horizons: New Testament Hermeneutics and Philosophical Description with Special Reference to Heidegger, Bultmann, Gadamer and Wittgenstein [Os dois horizontes: a hermenêutica do Novo Testamento e a descrição filosófica com referência especial a

Heidegger, Bultmann, Gadamer e Wittgenstein]. Paternoster, 1980. Dois ensaios mais curtos trouxeram esse debate ao alcance de mortais comuns, a saber: "Understanding God's Word Today" [Compreendendo a Palavra de Deus hoje"], do próprio Thiselton, em John Stott (ed.), Obeying Christ in a Changing World [Obedecendo a Cristo em um mundo em transformação], vol. I (Collins, 1977), p. 90-122, e "Infallible Scripture and the Role of Hermeneutics A Escritura infalível e o papel da hermenêutica], de J. I. Packer, em D. A. Carson e John D. Woodbridge (eds.), Scripture and Truth [Escritura e verdade] (Zondervan e IVP, 1983), p. 323-356.↩

2. Thiselton, A. C. The Two Horizons. p. 103.↩
3. Obeying Christ in a Changing World, vol. I. p. 118.↩
4. Thiselton, A. C. The Two Horizons. p. 326.↩
5. Veja, por exemplo, The Willowbank Report: Gospel and Culture [O relatório de Willowbank: evangelho e cultura]. Comitê de Lausanne para Evangelização Mundial, 1978. p. 10-11.↩
6. Salmos 119.18.↩
7. Isaías 42.18-19.↩
8. Romanos 12.2.↩
9. Sachs, Jeffrey. The End of Poverty. Penguin, 2011. [O fim da pobreza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.]↩
10. Extraído da resenha de um livro no jornal Church Times.↩
11. Veja The Willowbank Report: Gospel and Culture, especialmente o capítulo 5.↩
12. Veja Jones, E. Stanley. The Christ of the Indian Road [O Cristo da estrada indiana]. Hodder & Stoughton, 1926. Por exemplo, p. 186.↩
13. Versículo 3.↩
14. Versículos 4-5, 10.↩
15. Versículo 8.↩
16. Por exemplo, Salmos 74.14; Isaías 27.1.↩

17. Salmos 19.1-6.↩
18. João 13.14.↩
19. Paulo trata dessa questão com certa minúcia em Romanos 14 e 1 Coríntios 8.↩
20. 1 Coríntios 8.4-6.↩
21. 1 Timóteo 2.12.↩
22. 1 Coríntios 11.4-10; 14.34-35; 1 Timóteo 2.11-12.↩
23. Gálatas 3.28.↩
24. 1 Timóteo 2.11-12.↩
25. Gênesis 2.24, citado por Jesus em Marcos 10.7-9, com o adendo: "Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe".↩

# CAPÍTULO 4

1. Target, George. Words That Have Moved the World [Palavras que moveram o mundo]. Bishopsgate, 1987. p. 13.↩
2. Mateus 4.4; Deuteronômio 8.3.↩
3. Lloyd-Jones, D. Martyn. Preaching and Preachers. Hodder & Stoughton, 1971. p. 24. [Pregação e pregadores. São Paulo: Fiel, 4. ed., 1998.]↩
4. Efésios 6.17.↩
5. Isaías 55.9.↩
6. Atos 17.23.↩
7. Artigo XX dos Thirty-Nine Articles [39 artigos] (1563) da Igreja da Inglaterra.↩
8. Amós 3.8.↩
9. 2 Coríntios 4.13; Salmos 116.10.↩
10. 2 Pedro 3.16.↩

11. Efésios 4.11.↩
12. Atos 8.26-39.↩
13. Citado por F. W. Farrer em seu History of Interpretation [História da interpretação], the 1885 Bampton Lectures. Macmillan, 1886. p. 347.↩
14. Citado por Hugh Evan Hopkins em Charles Simeon of Cambridge [Charles Simeon de Cambridge]. Hodder & Stoughton, 1977. p. 57.↩
15. Hirsch, E. D. Validity in Interpretation. Yale University Press, 1967. p. 1.↩
16. Ibid., p. viii.↩
17. Ibid., p. 5.↩
18. Ibid., p. 8, 255. Cf. também Hirsch, E. D. The Aims of Interpretation [Os objetivos da interpretação]. University of Chicago Press, 1976. p. 2-3, 79.↩
19. Extraído do ensaio de David Wells, "Word and World" [Palavra e Mundo], em Kenneth S. Kantzer e Carl F. H. Henry (eds.), Evangelical Affirmations [Afirmações evangélicas] (Zondervan, 1990), p. 161-162.↩
20. Atos 10.33.↩
21. Tiago 1.22-25.↩
22. Por exemplo, Salmos 95.7-10.↩
23. 2 Crônicas 36.16.↩

# CONCLUSÃO

1. Marcos 1.15, como ele traduz ēngiken.↩
2. Mateus 12.28, ephthasen.↩
3. Por exemplo, Marcos 1.14-15; Mateus 13.16-17.↩
4. Mateus 12.28-29; cf. Lucas 10.17-18.↩
5. Lucas 17.20-21.↩
6. Por exemplo, Marcos 10.15.↩

7. Mateus 6.10.↩
8. Mateus 6.33.↩
9. Marcos 9.47; cf. Mateus 8.11.↩
10. Mateus 25.34.↩
11. Por exemplo, Isaías 2.2; Mateus 12.32; Marcos 10.30.↩
12. Gálatas 1.4.↩
13. Colossenses 1.13; cf. Atos 26.18; 1 Pedro 2.9.↩
14. Efésios 2.6; Colossenses 3.1.↩
15. Por exemplo, Mateus 13.39; 28.20.↩
16. Romanos 12.2; 13.11-14; 1 Tessalonicenses 5.4-8.↩
17. Romanos 8.24; 5.9-10; 13.11.↩
18. Romanos 8.15, 23.↩
19. João 5.24; 11.25-26; Romanos 8.10-11.↩
20. Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↩
21. Romanos 8.24.↩
22. Filipenses 3.20-21; 1 Tessalonicenses 1.9-10.↩
23. Romanos 8.19.↩
24. Romanos 8.22-23, 26; 2 Coríntios 5.2, 4.↩
25. Romanos 8.23; 1 Coríntios 1.7.↩
26. Romanos 8.25.↩
27. Por exemplo, Isaías 32.15; 44.3; Ezequiel 39.29; Joel 2.28; Marcos 1.8; Hebreus 6.4-5.↩
28. Romanos 8.23.↩
29. 2 Coríntios 5.5; Efésios 1.14.↩
30. Hebreus 6.4-5.↩
31. Salmos 119.105.↩
32. 2 Coríntios 5.7.↩
33. Deuteronômio 34.10; cf. Números 12.8; Deuteronômio 3.24.↩

34. 1 Coríntios 13.9-12.↩
35. Deuteronômio 29.29.↩
36. 1 Tessalonicenses 4.7-8.↩
37. Gálatas 5.16-26.↩
38. 2 Coríntios 3.18.↩
39. Gálatas 5.17.↩
40. 1 João 1.8.↩
41. Filipenses 3.12-14; 1.6.↩
42. Por exemplo, Levítico 19.2.↩
43. João 8.11 (NAA).↩
44. Por exemplo, Romanos 7.17, 20; 8.9, 11.↩
45. 2 Coríntios 12.12.↩
46. Apocalipse 11.15.↩
47. Hebreus 6.5.↩
48. 2 Coríntios 4.10-11.↩
49. Apocalipse 21.5.↩
50. Efésios 5.27; cf. Apocalipse 21.2.↩
51. 1 Timóteo 6.12.↩
52. Efésios 4.3.↩
53. Mateus 13.30.↩
54. 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↩
55. Marcos 13.7.↩
56. Isaías 2.4.↩

A BÍBLIA
Categoria: Apologética / Estudo Bíblico / Vida Cristã

Copyright © John Stott com Tim Chester, 2019. Todos os direitos reservados.
Publicado originalmente em 2019, por InterVarsity Press, Londres, Inglaterra.
Título original em inglês: *The Bible*

Publicado como o terceiro volume da série "O Cristão Contemporâneo". Organizado por Tim Chester a partir do livro *The Contemporary Christian* (1992), de John Stott.

*Primeira edição:* Julho de 2021
*Coordenação editorial:* Bernadete Ribeiro
*Tradução:* Valéria Lamim Delgado Fernandes
*Revisão:* Natália Superbi
*Diagramação:* Bruno Menezes
*Capa:* Rafael Brum
*Produção do arquivo ePub:* Booknando

A menos que indicado de outra forma, os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S888

Stott, John.

A Bíblia : um livro como nenhum outro [recurso eletrônico] / John Stott e Tim Chester ; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. — Viçosa : Ultimato, 2021.
Dados eletrônicos (e-Pub). — (O Cristão Contemporâneo ; 3) 340 p.

Título original: The Bible: a book like no other

ISBN 978-65-86173-22-2

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 2. Vida cristã. 3. Bíblia - Estudos bíblicos. I. Chester, Tim. II. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. III. Título. IV. Série.

CDU 82.1(811.3)

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-970 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500
www.ultimato.com.br
**facebook.com/editora.ultimato** **twitter.com/ultimato** **instagram.com/editoraultimato**